

## CAPA 2

### **VIVER O ANO DA FÉ**

#### **Sessão internacional**

**organizado na Casa-Mãe  
de 22 de abril a 6 de maio de 2013**

**para o revigoramento  
espiritual e vicentino**

**das Filhas da Caridade  
de 11 a 24 anos de vocação**

## COBERTURA 3

### **INTRODUÇÃO DA MENSAGEM DO PAPA BENTO XVI por ocasião da 28ª JMJ 2013 de 23 a 28 de julho de 2013 - Rio de Janeiro - Brasil**

**“Ide e fazei discípulos entre as nações!”**

Queridos jovens,

Desejo fazer chegar a todos vós minha saudação cheia de alegria e afeto... estamos nos preparando para a próxima Jornada Mundial, que será celebrada no Rio de Janeiro, Brasil, em julho de 2013.

...A célebre estátua do Cristo Redentor, que se eleva sobre àquela bela cidade brasileira, será o símbolo eloquente deste convite: seus braços abertos são o sinal da acolhida que o Senhor reservará a todos quantos vierem até Ele, e o seu coração retrata o imenso amor que Ele tem por cada um e cada uma de vós. Deixai-vos atrair por Ele! Vivei essa experiência de encontro com Cristo, junto com tantos outros jovens que se reunirão no Rio para o próximo encontro internacional! Deixai-vos amar por Ele e sereis as testemunhas de que o mundo precisa.

Desde agora, meditai sobre o tema deste encontro: “Ide e fazei discípulos entre as nações” (cf. Mt 28,19). Trata-se da grande exortação missionária que Cristo deixou para toda a Igreja e que permanece atual ainda hoje, dois mil anos depois.

Agora, este mandato deve ressoar fortemente em vosso coração. O ano de preparação para o encontro do Rio coincide com o Ano da Fé, no início do qual o Sínodo dos Bispos dedicou os seus trabalhos à *“nova evangelização para a transmissão da fé cristã”*. Por isso, me alegro que também vós, queridos jovens, sejais envolvidos neste impulso missionário de toda a Igreja: fazer conhecer Cristo é o dom mais precioso que podeis fazer aos outros...

## SUMÁRIO

### ESPECIAL “ANO DA FÉ”

- 146    Introdução  
       “Viver o Ano da Fé”
- 148    *“Senhor, aumentai a nossa fé”*  
       A fé, dom e resposta livre no quotidiano,  
       na oração, na vida comunitária e no serviço dos pobres  
       Padre Roberto Gomez, cm
- 161    O desafio da vida comunitária  
       Padre Patrick Griffin, Diretor geral
- 174    Chamadas a ser testemunhas da radicalidade evangélica  
       Irmã Evelyne Franc, Superiora geral
- 190    A fé de Maria no centro da vida da Filha da Caridade  
       *“Como posso merecer que a mãe do meu Senhor me venha visitar?”*  
       Irmã Anne Prévost, Filha da Caridade
- 212    O caminho de fé de Santa Luísa  
       Irmã Elisabeth Charpy, Filha da Caridade

## Introdução

### **Viver o Ano da Fé**

Em comemoração aos 50 anos de abertura do Concílio Vaticano II, o Papa Bento XVI convidou toda a Igreja a viver o Ano da Fé. A abertura do Ano da fé aconteceu no dia 11 de outubro de 2012 e terá o seu encerramento no dia 24 de novembro de 2013, solenidade de Cristo Rei.

Este Ano da Fé é um ano de graça, um tempo forte para abrir-se a Deus e acolher sua Presença em nossa vida, a exemplo de Maria, modelo de fé para os cristãos. Durante a visita do Anjo, Maria adere ao pedido de Deus, confiando-se a Ele e comprometendo-se: *“Eis aqui a Serva do Senhor, faça-se em mim, segundo a vossa palavra”* (Lc 1, 38). Maria expressa sua fé em Deus se compromete com Ele.

Na Visitação, Isabel proclama: *“Bem-aventurada aquela que acreditou”* (Lc 1, 45). No final do Evangelho de João, Jesus, convida Tomé para a mesma bem-aventurança: *“Felizes aqueles que creem sem ter visto”* (Jo, 20, 29).

A exemplo de Tomé, a Igreja deve associar-se a esta fé de Maria, *“uma fé heróica que ‘precede’ o testemunho apostólico da Igreja e permanece no coração da mesma Igreja, escondida como uma herança especial da revelação de Deus. Todos aqueles que... participam dessa herança misteriosa, participam, em certo sentido, da fé de Maria”* como escreveu João Paulo II em *Rédemptoris Mater* (nº 27, 1).

A expressão empregada pela Encíclica “Porta Fidei” de Bento XVI lembra igualmente que esta “Porta” já foi aberta para nós pelo próprio Cristo, no dia do nosso batismo. A exemplo de Maria, toda a nossa existência consiste em atravessar constantemente esta Porta da Fé para entrar e permanecer no Reino de Deus.

Portanto, este ano da Fé é para cada uma de nós, Filhas da Caridade, uma ocasião para renovar nossa alegria de seguir Jesus Cristo, de recentralizar nossa relação com Ele, de servir os mais abandonados contemplando ainda mais o mistério do pobre, de aprofundar nossa pertença à Companhia.

Um aspecto essencial da nossa vida de serviço é o ato da contemplação do mistério de Cristo no pobre. Assim como recebemos o Cristo na Eucaristia, recebemos o pobre como mistério do Cristo e desta maneira, o serviço dos pobres não é um anexo do Ano da Fé, mas faz parte dele.

Muitas iniciativas foram propostas pelas Províncias para aprofundar a fé e o carisma vicentino. Dois encontros internacionais foram organizados pela Casa-Mãe. As participantes tiveram a alegria de seguir os passos dos Fundadores, de entrar na experiência da internacionalidade da Companhia e de rezar com os peregrinos na Capela da Medalha Milagrosa.

- A sessão de revigoramento espiritual e vicentino, entre 22 de abril a 6 de maio de 2013, permitiu às 87 Irmãs, entre 11 e 24 anos de vocação, vindas de 69 Províncias e uma região, refletir e aprofundar sua fé, a fim de melhor vivê-la na vida comunitária e de serviço.

- um retiro internacional, entre 11 e 19 de maio de 2013, conduzido pelo Padre Patrick Griffin, Diretor geral, proporcionou às 73 Irmãs Serventes participantes, vindas de 68 Províncias e uma Região, um tempo de formação específica em vista de sua missão.

Este número especial quer ser o eco da sessão de revigoramento e oferecer às Filhas da Caridade pistas para o aprofundamento da fé.

### **PADRE ROBERTO GOMEZ, CM**

*“SENHOR, AUMENTAI A NOSSA FÉ”*

#### **A fé, dom e resposta livre ao cotidiano na oração, na vida comunitária e no serviço dos pobres**

*“Em verdade, em verdade vos digo, ninguém pode entrar no Reino de Deus se não nascer da água e do Espírito” (Jo 3,5)*

Pediram-me para falar-lhes sobre a fé e de o fazer no centro de nossa experiência de pessoas consagradas, que creem, rezam, amam e servem! Isto não será fácil! A fé é algo de muito íntimo, quase intransmissível, mesmo se crer em Jesus Cristo é uma experiência comum, uma aventura que se vive com outros. Aqueles, que dizem que a fé não pode ser doada, têm razão. O que podemos fazer é apenas testemunhá-la e despertar o desejo de crer! Isto se faz com os outros.

Confesso que muitas vezes me sinto impotente diante das exigências pessoais, eclesiais (comunitárias) e apostólicas de minha fé em Jesus Cristo; sinto-me pequeno e impotente diante dos imensos desafios de ser alguém que crê! Como os apóstolos, resta-me apenas voltar-me para o Senhor e suplicar-lhe: *“Senhor, aumentai em nós a fé” (Lc 17,5)*. Sim, Senhor, concede-me uma dose renovada de confiança, aumentai a minha fé!

A resposta do Senhor aos apóstolos é imediata, mas enigmática. Na verdade, Ele propõe uma parábola que não é um discurso, mas um percurso (um caminho). Ele responde a um pedido expresso através de uma história que deve ser compreendida e nos fazer refletir: *“Se tiverdes fé, - disse Jesus - como um grão de mostarda, direis a esta amoreira: arranca-te e transplanta-te no mar, e ela vos obedecerá” (Lc 17,5-6)*. A versão de Mateus é ainda mais ousada: *“Em verdade vos digo: se tiverdes fé, como um grão de mostarda, direis a esta montanha: ‘Transporta-te daqui para lá’, e ela irá; e nada vos será impossível” (Mt 17,20)*. Garanto-lhes que nenhuma amoreira jamais me obedeceu, muito menos uma montanha!

Qual é pois o sentido da parábola proposta aqui por Jesus? O Mestre começa comparando a fé a um grão de mostarda: “*Si, realmente tiverdes fé, como um grão de mostarda*”! Eis o que é impressionante! O grão de mostarda é muito pequeno, bastaria somente um pouco de fé! Depois, vem a segunda parte da parábola, ainda mais surpreendente: “Se um dia a nossa fé for grande como um grão de mostarda, então, coisas extraordinárias acontecerão! Grandes amoreiras, com raízes profundas e robustas seriam arrancadas e seriam plantadas no mar, se lhes dêssemos a ordem de fazê-lo. Melhor ainda, as montanhas mudariam de lugar! Nada mais é impossível! Mas, é ao menos, perturbador.

Devemos concentrar a nossa atenção no contraste entre o tamanho (ou a dimensão) e o poder! Uma fé do tamanho de um grão de mostarda poderia fazer coisas extraordinárias. Poder-se-ia traduzir: um pouco de fé bastaria para realizar o que é realmente impossível. Um mínimo de fé pode realizar coisas extraordinárias!

Que contraste entre o pequeno tamanho da fé e suas possibilidades ilimitadas! Não foi a primeira vez que Jesus utilizou a imagem do grão de mostarda no evangelho. Antes, Ele comparara o Reino de Deus a algo que começa pequeno e se torna grande: ? “*A que é comparável Reino de Deus? A que o compararei? É semelhante ao grão de mostarda que um homem pegou e semeou em seu jardim. Ela cresceu e se tornou uma grande árvore e as aves do céu vieram fazer ninhos em seus ramos*” (Lc 13,18-19 e Mt 13,31-32).

As parábolas de Jesus provocam, questionam e intrigam. Elas provocam em nós um questionamento: e se fosse verdade? E se fosse verdade que uma fé minúscula pudesse arrancar, transplantar e transformar? Em outras palavras, a parábola pronunciada por Jesus insiste voluntariamente sobre o contraste entre a pequenez da fé e suas ilimitadas capacidades. Portanto, a fé é possível e acessível a todos, ela é do tamanho da humanidade; ninguém pode dizer que é incapaz de ter uma tamanha fé. Tal é a convicção de Jesus, ele no-la transmitiu e nos convida a partilhar sua certeza: com um mínimo de fé, o cristão pode agir muito além do que parece possível<sup>1</sup>.

A partir desta convicção que partilhamos com Jesus, vamos tentar avançar em nossa reflexão seguindo três questões:

- 1 - Quem pode ter uma fé tão grande como um grão de mostarda?
- 2 - O que fazer para aumentar a nossa fé?
- 3 - Como tornar a nossa fé eficaz? O que devemos fazer para que ela produza frutos?

## 1. QUEM PODE TER UMA FÉ TÃO GRANDE COMO UM GRÃO DE MOSTARDA?

À luz da parábola de Jesus, a resposta a esta questão é simples, mas está longe de ser sem importância ou banal: toda pessoa de boa vontade, homem ou mulher, pode ter uma fé dinâmica que cresce e faz crescer, que se reforça e torna forte, que evolui e faz evoluir, que arranca e faz brotar. Retomando a segunda parte da parábola do Evangelho, poderíamos dizer que a fé é antes de tudo, obediência (escuta), depois somente pode se fazer obedecer (dizer a amoreira “arranca-te daqui ou dizer a montanha passa daqui para lá”).

Evidentemente, quando falamos de “fé” precisamos compreender a resposta do homem à iniciativa de Deus. É verdade! Deus tem sempre a iniciativa! Fazemos aqui referência ao que pode ser chamado **a base da fé** (sua base imutável, seu fundamento, o que é essencial): a fé é uma resposta humana às iniciativas de Deus! Queremos dizer com isso que o ser humano pode dizer que crê em Deus, porque Deus é o primeiro a crer nele. Muitas vezes, esquecemos isto! Esquecemo-nos de dizer que Deus é o primeiro a crer na humanidade. Talvez, devamos acrescentar que Deus crê em nós muito mais do que nós cremos em nós mesmos. François Mauriac<sup>2</sup> tem razão ao dizer que “*crer é antes de tudo reconhecer que somos amados*” (por Deus).

A mais simples definição da fé é que ela é uma resposta ao amor de Deus, manifestado ao longo da história, de maneira definitiva em Jesus Cristo, seu enviado. Ao lermos a Sagrada Escritura, verificaremos a verdade do que dissemos agora há pouco: Quem procurou primeiro Adão e Eva? Abraão? Moisés? Os profetas? A nação inteira? Foi Deus e sempre ele! Ele busca o homem como sempre fez e vai continuar fazendo

eternamente. Ele jamais desanima diante da indiferença das suas criaturas, Deus torna a fé possível quando nos procura. A fé é como um elã de confiança, uma adesão firme e estável ao projeto de Deus! Projeto de Deus que tem como único objetivo a nossa felicidade.

O Novo Testamento revela o amor infinito de Deus pela humanidade na pessoa de Jesus Cristo. Através dele, Deus faz tudo o que é possível para nos fazer compreender que Ele nos ama, está ao nosso lado e age continuamente em nosso favor. A fé humana, que é uma decisão, está assim convidada a ler na Encarnação do Filho de Deus, a vontade Divina de se revelar, de se fazer conhecer e de dialogar conosco<sup>3</sup>. Na realidade, o Deus totalmente outro, o Deus todo-poderoso nos diz tudo em seu Filho. Nossa fé, que pode crescer, passa pelo conhecimento deste Filho: toda a **Palavra de Deus se resume em seu Filho**. Nossa decisão em favor de Deus passa pela adesão íntima à pessoa de Jesus Cristo.

A este respeito, gosto muito da expressão de Orígenes, retomada pelo Papa Bento XVI na *Verbum Domini*: “O Verbo abreviou-se”<sup>4</sup> ... É difícil traduzir em uma só palavra esta ideia: *Deus abreviou-se*, se fez pequenino, estreitou-se, condensou-se, resumiu-se, simplificou-se, para arrancar de nós um ato de confiança que faz eco ao seu. “O próprio Filho é a Palavra de Deus, é o logos: A Palavra eterna fez-se pequena; tão pequena que pôde caber numa manjedoura. Fez-se criança, para que a Palavra possa ser compreendida por nós”<sup>5</sup>.

Se estes gestos de bondade de Deus não tocam o nosso ser, nossa razão e nossa afeição, então o que poderia tocar-nos?

Através de uma imagem do Antigo Testamento, gostaria de insistir sobre o fato que nossa fé se apoia no próprio Deus. É Ele que está na origem da decisão de fé e que a dinamiza, sempre respeitando nossa liberdade. A imagem é da **águia** que ensina seus filhotes a voar (planar), encorajando-os: “*Deus encontrou seu povo perdido no deserto, numa região onde viviam animais ferozes. Chegou perto, cuidou deles e os protegeu como se fossem a menina dos seus olhos. Como a águia ensina os filhotes a voar e com as asas estendidas os pega quando estão caindo, assim o Senhor Deus cuida do seu povo, ele estende as asas e o pega e o transporta sobre sua plumagem*” (Dt 32,10-12). Encontro nestes versículos uma bela imagem da fé. Tudo foi dito! A fé se torna possível pelo próprio Deus. É Ele quem a provoca; é quem dela cuida, quem a ampara e a instrui. É ainda o próprio Deus que está dentro da fé e quem a cerca de proteção. Depois, vem o voo. A metáfora da Águia, que incentiva a sua ninhada a voar, é muito bela e comovente. A águia vai à frente, paira sob seus filhotes, realiza toda a sua envergadura, e finalmente pega suas águiaszinhas, e as carrega sobre suas próprias asas... Não falta nada, mas a liberdade é preservada. Deveríamos pensar nas pequenas águias de vez em quando para nos lançarmos e nos deixarmos repousar nas asas do Pai... que beleza!

Sim, é perfeitamente possível que a nossa fé cresça, como também é possível que ela diminua, ou ainda pior, que a percamos; mas não devemos nos contentar com a nossa pouca fé. Deveríamos gritar como o pai da criança possessa do Evangelho: “*Eu creio! Vinde em socorro a minha falta de fé!*” (Mc 9,24).

Para ilustrar esta atitude, gostaria de citar a experiência espiritual de um Padre Dominicano, Ambroise-Marie Carré o.p.<sup>6</sup>: “*Em uma noite, na pequena sala, que eu usava como quarto, senti uma força incrível, não deixando espaço para nenhuma hesitação, que eu era amado por Deus e que a vida (...) diante de mim era um dom maravilhoso. Sufocado de felicidade, cai de joelhos*”. Ambroise-Marie tinha apenas catorze anos! Ele não se contentou com uma fé garantida por esta experiência mística, sempre buscou a Deus: “mas, em vez de viver dessa experiência, buscou novas descobertas, novas revelações, desejando contatos novos, subindo uma escada “apontada para o céu”<sup>7</sup>. Não devemos nos contentar com antigas e eternas verdades, muito simples, mas buscar experiências novas, tornar nossa fé maior, viva e atuante. Ao citar o Padre Ambroise-Marie, as incentivo a fazer a mesma experiência.

Nossos fundadores, Vicente de Paulo e Luísa de Marillac, tiveram uma fé “contagante” (já se ouviu muito isso, ao longo desses dias, portanto, não vou insistir). Eles buscaram Deus e saborearam ao longo de suas vidas o Amor de Deus que é sempre o primeiro, que “o amor de nosso Deus está sempre trabalhando”<sup>8</sup>.

Olhando a partir deste ponto de vista, eles foram pessoas místicas. Fiquemos atentos! Através de nossa “pouca fé” corremos o risco de nos desanimar e decepcionar os homens e mulheres que estão sofrendo!

## II - O QUE FAZER PARA AUMENTAR A NOSSA FÉ?

Se os apóstolos pediram um suplemento de fé ao Senhor (Lc 17,5) é porque o aumento da fé é possível; mais ainda, ela é requerida e aguardada pelo Mestre. Onde estamos? Mais particularmente nós, pessoas consagradas, que fizemos a escolha de seguir o Senhor de uma maneira mais radical, onde estamos em relação ao aumento da fé?

É verdade que não existem fórmulas mágicas. Infelizmente! A fé é um dom de Deus e ao mesmo tempo uma decisão do homem (e da mulher) que escolhe responder livremente às suas iniciativas amorosas. A dita decisão pode ser cultivada! O Senhor que escolhemos seguir é semelhante à mulher da parábola do fermento na massa: O Reino da fé, diz Jesus: “*é comparável ao fermento que uma mulher misturou com três medidas de farinha, de modo que toda a massa aumente*” (Lc 13,21). A única finalidade do fermento é fazer a massa aumentar, e o mesmo se aplica à fé. Se Deus suscita (semeia) em nós a fé é para que ela cresça e produza muito fruto.

Santo Agostinho resume bem, em poucas palavras, o que acabamos de dizer: “*Os crentes fortificam-se crendo*”<sup>9</sup>. A fé se fortifica e aumenta, crendo e partilhando-a. É simples, lógico e verdadeiro: *os crentes fortificam-se crendo*. O papa Bento XVI comentou a frase de Santo Agostinho: “*O Santo Bispo de Hipona tinha boas razões para falar assim. Como sabemos a sua vida foi uma busca contínua da beleza da fé enquanto o seu coração não encontrou descanso em Deus. Os seus numerosos escritos, nos quais se explica a importância de crer e a verdade da fé, permaneceram até nossos dias como um patrimônio de riqueza incomparável e permitem ainda a muitas pessoas à procura de Deus encontrar o justo percurso para chegar à “porta da fé”*”<sup>10</sup>. O papa concluiu dizendo: “*não há outra possibilidade de adquirir certeza sobre a própria vida, senão abandonar-se **progressivamente** nas mãos de um amor que se experimenta cada vez maior porque tem a sua origem em Deus*”<sup>11</sup>.

Chamo aqui a atenção sobre a expressão “**progressivamente**”. Não seria isto algo próprio do discípulo de Cristo? Primeiro de todo batizado, e depois e, sobretudo, de toda pessoa consagrada? Nós nos perguntamos por que ficamos estagnados em nossa vida de fé? Por que esta letargia e esta rotina que invade muitas vezes nossas vidas de crentes? Enfim, por que esta *esclerose do coração*? Expressão próxima daquela do Cristo ressuscitado aos peregrinos de Emaús, que os censura de maneira bem sutil: “*espírito sem inteligência, corações lentos para crerem*” (Lc 24,24).

Não estarei sendo original ao propor-lhes três meios práticos para crescer na fé, mas que são fundamentais:

### a) A leitura orante da Palavra de Deus

Estou contente que a *Lectio Divina* tenha retornado à vida da Igreja. Ela volta depois de um longo e prolongado êxodo. É verdade que antigamente, os fiéis tinham tanto respeito pela Sagrada Escritura que se mantinham muitas vezes, distantes dela<sup>12</sup>. Hoje, ao contrário, o ensinamento da Igreja, a reflexão espiritual, teológica e pastoral, colocou a Palavra Divina no centro da nossa de cristãos, de todos os cristãos. Estou convencido de que nosso crescimento na fé passa, primeiro, pela Palavra. Precisamos lembrar-nos das belas palavras de São Jerônimo: “*A ignorância das Escrituras é a Ignorância de Cristo*”<sup>13</sup>. Atualmente, são muitos os meios de que dispomos para nos aproximar e nos apegar à Sagrada Escritura, (mas, é verdade que vivemos em um mundo de recursos ilimitados e objetivos difusos). Para começar, recomendo a leitura e estudo da *Dei Verbum* (Constituição Dogmática sobre a revelação Divina, do Vaticano II) e *Verbum Domini* (a exortação apostólica pós-sinodal do Papa Bento XVI, 2010). Convido-as a participar dos círculos bíblicos que são propostos em muitos lugares, próximos de nós.

## **b) A oração pessoal e comunitária.**

Não é segredo para nós que uma das causas principais de tantas dificuldades na vida consagrada é a pobreza de nossa vida espiritual. Temos necessidade vital da comunicação íntima com o Senhor. Vou utilizar uma expressão voluntariamente provocadora: nós precisamos deste “boca a boca” cotidiano com o Senhor, desta “face a face” com Ele. São Vicente utilizou muitas imagens quando ele quis insistir sobre a necessidade da oração. Para Vicente, a oração é: “a alma”, “o ar”, “o alimento”, “o orvalho”, “o reservatório”, “a fonte da juventude”, o sol”, o pão-nosso de cada dia”, “o centro de toda devoção”... A oração para São Vicente é a alma da ação. Ele age de maneira incansável porque ele reza de maneira incessante, eis o seu segredo!

Escutemos o que Vicente diz ao jovem coirmão, Antoine Durand, de 27 anos que tinha sido enviado para realizar uma difícil missão: *“Uma coisa importante, a qual deveis vos aplicar cuidadosamente é ter uma grande comunicação com Nosso Senhor na oração: lá está o reservatório onde encontrareis as instruções que serão necessárias para realizar o trabalho que tereis... Jesus Cristo que deve ser exemplo de todas as vossas condutas, não se limitou à sua pregação, aos seus trabalhos, seus jejuns, seu sangue e sua morte em si, mas, em tudo isso Ele acrescentou a oração”* (XI,344-346).

Destaco simplesmente uma coisa: *“ter uma grande comunicação com o Senhor”*. Eis aqui um ponto sobre o qual podemos sempre fazer progresso, não é verdade? Saibam que, quando lemos a Palavra de Deus com espírito de fé, cada um de nós é introduzido em um diálogo com o Senhor!

Vicente de Paulo enfim estava convencido de que é a *“oração que sustenta a vocação”* (III, 539). Alguém tem dúvida sobre esse ponto? Eu não. No entanto, confesso que tenho dificuldade de colocá-lo em prática...Ó meu Salvador!

Permitam-me dar um salto de três séculos no tempo, citando a *Dei Verbum*: *“Lembrem-se, porém, que a leitura da Sagrada Escritura deve ser acompanhada de oração para que se estabeleça o diálogo entre Deus e o homem; porque lhe falamos quando rezamos, a Ele ouvimos, quando lemos os divinos oráculos”*<sup>14</sup>. Notem que no progresso da vida espiritual não existe compartimentos separados. Tudo está muito interligado: oração, ação, contemplação, Palavra de Deus...

Resumindo, a vida espiritual é antes de tudo um diálogo constante com nosso criador. Se retomarmos a bela imagem da águia (Dt 32,11) poderemos dizer que Deus está na oração como a águia que motiva sua ninhada e voa acima dos seus filhotes desfraldando toda a sua envergadura. Ele é quem nos levanta ao nos tomar em suas asas, que plaina em nossas aventuras humanas no seu Filho, mas que está sempre lá para que nos repousemos nele através de seu Espírito... e com muita frequência, Ele nos carrega em suas asas.

Mais do que nunca temos necessidade de descobrir que somente Deus sacia a sede que existe no coração de todo homem. Aqui está uma certeza que é capaz de fazer crescer a nossa fé e nossa confiança em Deus. Ora para fazer crescer a fé, temos necessidade de silêncio. O silêncio de Deus aparece também como uma expressão importante da Palavra de Deus<sup>15</sup>. Com frequência, Deus faz silêncio e convida o homem a uma grande intimidade... O silêncio pode ser comparado à noite, que permite o crescimento silencioso das sementes: *“O Reino de Deus é como um homem que joga a semente na terra: quer ele esteja acordado, quer esteja dormindo, ela brota e cresce, sem ele saber como isso acontece...”* (Mc 4,26-27). O silêncio de Deus, como o do homem, é o prolongamento de um diálogo fecundo!

## **b) A Liturgia nos coloca em ação**

Observem que a terminação: *“urgia”*, como *“siderurgia”*, *“metalurgia”*, *“cirurgia”* e *“liturgia”* designa um “fazer”, uma ação, (do grego *ergôn*). A fé cresce quando a celebramos, não é mesmo? O contrário é também verdadeiro, quem não celebra sua fé termina perdendo-a. Refletir sobre o dinamismo de nossa fé, sobre a vida de nossa fé nos reenvia à celebração da fé na liturgia e nos sacramentos, sobretudo os da Eucaristia e da Palavra de Deus. Por que tanta monotonia nas celebrações? Dizemos que cremos como celebra-

mos, e que celebramos como cremos (*lex orandi, lex credendi*). Sim, somos cristãos que creem como celebramos!

O Papa Bento XVI, em sua carta apostólica para introduzir o Ano da fé, nos convidou a: “*descobrir novamente os conteúdos da fé professada, celebrada, vivida e rezada e refletir sobre o próprio ato com que se crê, um compromisso que cada crente deve assumir, sobretudo neste Ano*”<sup>16</sup>. Esta sessão é uma maneira de colocar em prática a recomendação do papa emérito: redescobrir os conteúdos da fé e refletir sobre o próprio ato com que se crê. O Papa dá o exemplo que, antigamente, os batizados tinham que decorar o Credo: “*Não foi sem razão que, nos primeiros séculos, os cristãos eram obrigados a aprender de memória o Credo. É que este lhes servia de oração diária, para não esquecerem o compromisso assumido com o Batismo. Recordá-lo, com palavras densas de significado, Santo Agostinho o lembra quando afirma numa homilia sobre a *redditio symboli* (a entrega do Credo): “O símbolo do santo mistério, que recebestes todos juntos e que hoje professastes um a um, reúne as palavras sobre as quais está edificada com solidez a fé da Igreja, nossa Mãe, apoiada no alicerce seguro que é Cristo Senhor. E vós o recebestes e o proferistes, mas deveis tê-lo sempre presente na mente e no coração, deveis repeti-lo nos vossos leitos, pensar nele nas praças e não o esquecer durante as refeições; e, mesmo quando o corpo dorme, o vosso coração continue de vigília por ele*”<sup>17</sup>.

A celebração da liturgia articula a leitura orante da Palavra de Deus e a oração

### **III - COMO TORNAR A NOSSA FÉ EFICAZ? O QUE DEVEMOS FAZER PARA QUE ELA PRODUZA FRUTOS?**

Olhemos no Evangelho de Lucas (17,1-10) o que precede e o que vem após o pedido dos discípulos ao Senhor para aumentar a fé. Quatro temas são abordados, sucessivamente, sem apresentar um encadeamento lógico. Os quatro temas são os seguintes:

1 - a interdição de provocar o escândalo e a queda dos pequeninos (v. 1-3a);

2 - oferecer o perdão ao seu irmão até sete vezes em um só dia (v. 3b-4);

3 - pedir a fé : a parábola do grão de mostarda (tema central para nós, v. 5-6);

4 - servir de maneira incansável, gratuita e incondicional (v. 7-10). Podemos, talvez, nos perguntar qual é a relação entre esses temas. Quando lemos estes versículos na sequência, podemos descobrir que, todas as vezes, trata-se da vida comunitária com as responsabilidades pessoais e os deveres ministeriais que ela implica<sup>18</sup>. Na verdade, desde o início do capítulo 17, os interlocutores de Jesus são os discípulos. É a eles, na qualidade de discípulos, que Jesus se dirige. Poderíamos dizer que as exigências da fé proposta por Jesus, nestes versículos, implicam a vida cristã no interior e exterior da Comunidade (*ad intra* e *ad extra*). De fato, a fé é uma força que impede que nossos irmãos caiam no erro; é uma força para perdoá-los quantas vezes forem necessárias, colocando-se a serviço dos outros, sem esperar recompensa.

Como tornar a nossa fé ativa e operante? Como fazer para que ela produza frutos? De fato, não basta dizer que temos fé ou confessá-la, também não basta apenas celebrá-la, o essencial é testemunhá-la. O testemunho de vida daqueles que creem é essencial para a sua credibilidade. O apóstolo Tiago o diz claramente: “*De que aproveitará a alguém dizer que tem fé se não tiver obras? Acaso esta fé poderá salvá-lo? Assim também a fé se não tiver obras, é morta em si mesma. Mas alguém dirá: Tu tens fé, e eu tenho obras. Mostra-me a tua fé sem obras e eu te mostrarei a minha fé pelas minhas obras..*” (Tg 2,14.17-18). “*É crendo que se aumenta a crença*” dizia Santo Agostinho, e poderíamos parafrasear suas palavras dizendo que: vive-se a fé, praticando-a. Praticando-a na vida cotidiana, no seio de nossa comunidade humana e religiosa, nas nossas responsabilidades. Aqui temos uma outra paráfrase da resposta de Jesus aos seus discípulos: “Se, com a pouca fé da qual vos queixais, podeis obter um resultado inimaginável (mover montanhas e arrancar árvores), tanto mais, com esta mesma pouca fé, podeis também realizar perfeitamente vossa vocação”<sup>19</sup>, no centro de suas comunidades e de suas responsabilidades.

A fé, que é um dom de Deus e resposta ao homem, não pode ser reduzida a crenças ou ritos ou a conteúdos mais ou menos teóricos. Nestes casos, a fé torna-se uma superstição<sup>20</sup>. Sim, a palavra é forte, mas



expressa exatamente o que quer dizer! Ora, professar a fé “*implica um testemunho e um compromisso públicos. O cristão não pode jamais pensar que o crer seja um fato privado. A fé é decidir estar com o Senhor, para viver com Ele. E este ‘estar com Ele’ introduz na compreensão das razões pelas quais se acredita. A fé, precisamente porque é um ato de liberdade, exige também assumir a responsabilidade social daquilo que se acredita*”<sup>21</sup>.

Perguntemo-nos agora: nossa fé é bastante dinâmica e viva para impregnar todas as nossas dimensões humanas, sociais, pessoais, afetivas, comunitárias, intra-eclesiais, extra-eclesiais...? Perguntemo-nos também: por que muitas vezes, acontece que consagrados sejam “luz no exterior e escuridão no interior”? Por que enfim, temos tanta dificuldade de dar testemunho de nossa fé em nossas comunidades?

Em todo o caso, e em toda circunstância, queridas Irmãs façamos de modo que nossa fé renasça e ressuscite, se torne dinâmica e coerente.

Permitam-me terminar esta reflexão com um parágrafo do Papa emérito, Bento XVI, que, na minha opinião, resume perfeitamente o que tentei dizer de maneira um pouco desajeitada:

“*A fé sem a caridade não dá fruto, e a caridade sem a fé seria um sentimento constantemente à mercê da dúvida. Fé e caridade reclamam-se mutuamente, de tal modo que uma consente à outra realizar o seu caminho. De facto, não poucos cristãos dedicam amorosamente a sua vida a quem vive sozinho, marginalizado ou excluído, considerando-o como o primeiro a quem atender e o mais importante a socorrer, porque é precisamente nele que se espelha o próprio rosto de Cristo. Em virtude da fé, podemos reconhecer naqueles que pedem o nosso amor o rosto do Senhor ressuscitado. “Sempre que fizestes isto a um dos meus irmãos mais pequeninos, a Mim mesmo o fizestes” (Mt 25, 40): estas palavras de Jesus são uma advertência que não se deve esquecer e um convite perene a devolvermos aquele amor com que Ele cuida de nós. É a fé que permite reconhecer Cristo, e é o seu próprio amor que impele a socorrê-Lo sempre que Se faz próximo nosso no caminho da vida. Sustentados pela fé, olhamos com esperança o nosso serviço no mundo, aguardando «novos céus e uma nova terra, onde habite a justiça» (2 Pd 3, 13; cf. Ap 21, 1) ”<sup>22</sup>.*

Padre Roberto GOMEZ c.m.

#### NOTAS:

<sup>1</sup> Cf. Claude TASSIN, *L’Evangile de Matthieu*, Paris, Centurion, 1991, p. 186.

<sup>2</sup> Escritor francês, membro da academia francesa (1885-1970), que fazia parte do que ele chamava “a resistência intelectual” que gostava de dizer : “*Eu choro meus pecados ! Os que cometi e os que gostaria de ter cometido*”.

<sup>3</sup> Cf. Carta aos Hebreus 1,1-2.

<sup>4</sup> V.D. n° 12.

<sup>5</sup> *Idem*.

<sup>6</sup> *Chaque matin je me réveille*, Paris, Cerf, 1993. Membro da Academia francesa, capelão dos atores e artistas (1908-2004).

<sup>7</sup> Abbé Marc Guelfucci, « *Sommes-nous spirituels ou fébriles* », <http://revue.objections.free.fr/002/002.0044.htm>

<sup>8</sup> Expressão utilizada por Patrice de la Tour du Pin (1911-1975), poeta francês.

<sup>9</sup> *De utilitate credendi*, 1,2.

<sup>10</sup> Bento XVI, *A Porta da Fé*, n° 7.

<sup>11</sup> *Idem*.

<sup>12</sup> Retomo uma expressão de Paul Claudel, *La vie intellectuelle* 16, 1948, p. 6. Ele viveu entre 1868 e 1955; dramaturgo, poeta e escritor francês, também membro da academia francesa.

<sup>13</sup> Sermão 179,1.

<sup>14</sup> *Dei Verbum* n° 25.

<sup>15</sup> *Verbum Domini* n° 21.

<sup>16</sup> Bento XVI, *A Porta da Fé*, n° 9.

<sup>17</sup> Bento XVI, *A Porta da Fé*, n° 9 ; Cf. Sermão de Santo Agostinho 251,1.

<sup>18</sup> Cf. François Bovon, *São Lucas 15,1-19,27*, Genebra, Labor et Fides, 2001, p. 119.

<sup>19</sup> P. Houzet, cité par Hugues Cousin, *L'Évangile de Luc*, Paris, Centurion, 1993, p. 226.

<sup>20</sup> Crença ou práticas não coerentes com a razão ou não reconhecidas por uma religião de referência.

<sup>21</sup> Bento XVI, *A Porta da Fé*, 10.

<sup>22</sup> A Porta da Fé n° 14.

## PADRE PATRICK GRIFFIN, DIRETOR GERAL

### **O Desafio da Vida Comunitária**

Quando eu dava aula para os seminaristas sobre o livro do Gênesis, sempre considerei com eles a natureza da bondade. No começo, sabemos que Deus chamou todas as coisas à existência e tendo feito isso, *“Deus contemplou toda a sua obra, e viu que isso era bom”*, e ao final: Ele *“viu que tudo isso era muito bom. Tudo que Deus faz é bom*. Toda a realidade e todos os seres humanos são uma parte da criação. Mas, existe algo que Deus disse que *“não era bom”*. Depois de ter chamado todas as coisas à existência, Deus disse que *“não era bom”* que o primeiro ser humano criado ficasse só, e então, Deus fez uma companheira para o ser humano. A ideia fundamental não é simplesmente a complementaridade entre homem e mulher, **mas a necessidade do ser humano de ser um ser social**. Não é bom para nós ficarmos sozinhos, não somos completos. A reflexão mais verdadeira sobre mim é quando a outra pessoa me mostra o melhor e o pior de mim mesmo. Eu vejo nos outros as minhas faltas e também as minhas possibilidades e isto é algo santo e bom. Fomos feitos para viver em comunidade.

Lembremo-nos do Salmo 132 - que fala com simplicidade sobre a vida comunitária:

*“Oh, como é bom, como é agradável para irmãos unidos viverem juntos!*

*É como um óleo suave derramado sobre a fronte, e que desce para a barba; a barba de Aarão, para correr em seguida até a orla de seu manto.*

*É como o orvalho do Hermon, que desce pela colina de Sião, pois ali derrama o Senhor a vida e uma bênção eterna”*. (Salmo 132)

O salmista insiste que pertencer a uma comunidade humana e depender uns dos outros é bom e agradável. Ele usa a imagem de um óleo caro derramado na cabeça e de um orvalho abundante regando a terra. A vida comunitária é uma bênção.

A comunidade humana é um dom de Deus e as comunidades religiosas devem ser sinais do Reino de Deus, onde cada ser humano é acolhido e se sente em sua própria casa. Nós antecipamos a alegria e a fraternidade do céu!

Com frequência, a Igreja tem refletido em seus documentos sobre o valor das comunidades e a importância da vida em comum para as pessoas consagradas. O documento *Vida Fraterna em Comunidade* (1994) e também o nosso Documento Interassembleias<sup>1</sup>: *“Deixemo-nos Transformar pelo Espírito: Fonte de Profecia e Esperança”*, podem ajudar-nos a refletir sobre a natureza da vida em comunidade.

Organizarei esta conferência sobre três imagens tradicionais da vida consagrada: a Trindade, Jesus e os discípulos e a Comunidade em Pentecostes, sob a luz das Escrituras e das orientações dadas pelo Documento Interassembleias.

## **I - A TRINDADE E O AMOR MÚTUO**

A melhor representação de uma vida vivida na unidade é a Trindade. A Igreja nos ensina constantemente a contemplar a manifestação da vida divina na sua unicidade e no seu amor absoluto. No coração de Deus há uma íntima comunhão de pessoas **unidas no amor** e esta é a primeira e fundamental imagem para a vida cristã. A igualdade das pessoas, o propósito comum e a partilha caracterizam o Deus trino e apresentam a imagem mais profunda da vida cristã em comunidade. Esta disposição para se estar junto e fazer-se um,

através do amor mútuo, está no centro da vida consagrada e constitui um verdadeiro desafio para aqueles que escolheram vivê-la. A vida consagrada “*expressa de forma muito viva o caráter trinitário da vida cristã*” (*Vita Consecrata*, §14). A reflexão sobre o caráter da Trindade nos convida a examinar alguns desafios da vida comunitária: igualdade, unidade e amor.

### **IGUALDADE DOS MEMBROS**

Na Trindade, as três pessoas divinas são iguais. Uma não é maior ou mais importante que a outra, cada uma compartilha da mesma vida e poder divinos. Dentro de nossa comunidade, também precisamos ter um senso da igualdade entre todas as Irmãs. Algumas são chamadas a assumir, de tempos em tempos, tarefas específicas de responsabilidade, mas sempre temporariamente e assumindo sua função como um serviço. As Irmãs Serventes ajudam no governo local, e este espírito se estende ao âmbito provincial e geral. Qualquer que seja a nossa missão específica, somos todos iguais na comunidade, inclusive com o respeito que devemos conferir às nossas Irmãs idosas, a compreensão que devemos ter com as nossas Irmãs jovens ou a submissão às Irmãs que têm uma função especial. Nossas diferentes origens, culturas e línguas contribuem para a riqueza de nossa vida em comum e não devem separar-nos. Este sentido de igualdade deve caracterizar a maneira como esperamos ser tratados e como tratamos uns aos outros.

*“Há muito tempo, venho desejando, e seria para mim grande consolo, que nossas Irmãs chegassem a tal extremo de respeito entre si, que as pessoas de fora não pudessem jamais perceber qual das Irmãs é a Irmã Servente”* (São Vicente de Paulo, Documentos nº 442, Conselho de 19 de junho de 1647, pág. 526).

Todas as Filhas da Caridade se ajudam mutuamente na realização de sua missão em comum.

### **UNIDAS POR UM MESMO PROPÓSITO**

Nosso Deus trino se faz um para realizar o mesmo objetivo, para o qual cada pessoa divina contribui plenamente. Nós também trabalhamos em vista de um objetivo comum. Nossas *Constituições* expressam que o objetivo e o centro da vida da Filha da Caridade se encontram na consagração total a Deus na Companhia para o serviço dos Pobres. Busca-se este objetivo junto com cada Irmã que contribui de acordo com suas possibilidades importantes ou não. As Filhas da Caridade trabalham juntas, vivem juntas e rezam juntas; estão unidas por um carisma e um estilo de vida comunitária. Aquilo, que uma não pode realizar sozinha, realizam juntas com palavras e atitudes de apoio. Valorizando as contribuições umas das outras e mantêm os olhos fixos no que juntas realizam, assumindo a responsabilidade pelas decisões, orientações e sacrifícios comunitários.

O Documento Interassembleias convida a: *Revitalizar “em todos os níveis, a participação e a corresponsabilidade que favorecem uma atitude permanente de discernimento, em vista das decisões a serem tomadas”* (pág. 22).

As Filhas da Caridade caminham juntas por meio da participação e aceitação de uma missão evangélica comum.

### **UNIDAS PELO AMOR MÚTUO**

Ao imitarem a Trindade, as Filhas da Caridade estão unidas pelo amor mútuo. Nas Em apresentações teológicas da Trindade, o Espírito Santo é o espírito do amor que une o Pai e o Filho num amor trino. Portanto, não é simplesmente um objetivo comum ou uma tarefa que nos une, mas o amor que temos umas pelas outras. O Documento Interassembleias encoraja a “*construir Comunidades onde se vivem relações de confiança e de afeição*” (DIA, pág. 11). Em comunidade aprende-se a viver juntos, a valorizar os dons e aceitar as limitações uns dos outros. A afeição fraterna nos permite contar com nossas Irmãs e cuidar delas com amor, durante o sucesso, a doença e o fracasso. O amor fraterno torna nossa vida e missão possíveis e fecundas.

*“A distância física não impede a presença espiritual entre as pessoas que o Senhor uniu com o laço de seu santo amor que se torna cada vez mais forte à medida que vai crescendo em nós. E como é esse mesmo amor que vos fez, suavemente, escutar o chamado para o lugar ao qual vos dirigis...”* (Escritos Espirituais, SL, C. 692 (L.628 bis): À minha querida Irmã Carcireux, 15 de setembro de 1659, pág. 731).

## RESUMO

A importância da comunidade para a Igreja e para os consagrados na vida religiosa é destacada no caráter comunitário da Trindade: três pessoas que compartilham uma natureza divina. O equilíbrio perfeito e a igualdade das pessoas no seio do nosso Deus trino nos mostram como a comunidade deve ser vivida. Em comunidade, cada pessoa deve ser valorizada, respeitada e tratada como uma parte integrante do todo. O Documento Interassembleias descreve isto como um esforço para *“aprofundar nossa pertença à Companhia sendo responsáveis pela Companhia do futuro”* (DIA pág. 15). Se olharmos o Catecismo da Igreja Católica, encontramos uma citação extraordinária de São Gregório Nazianzeno ao falar sobre a teologia da Trindade aos catecúmenos de Constantinopla:

*“Antes de tudo, guardai-me este bom depósito, pelo qual vivo e combato, com o qual quero morrer, que me dá coragem para suportar todos os males e desprezar todos os prazeres: refiro-me à profissão de fé no Pai e no Filho e no Espírito Santo. Eu vo-la confio hoje. É por ela que, daqui a instantes, eu vou mergulhar-vos na água e dela fazer-vos sair. Eu vo-la dou por companheira e protetora de toda a vossa vida. Dou-vos uma só Divindade e Potência, uma nos Três e abrangendo os Três de maneira distinta. Divindade sem diferença de substância ou natureza, sem grau superior que eleve nem grau inferior que abaixe [...] É de três infinitos a infinita conaturalidade. Deus integralmente, cada um considerado em Si mesmo [...] Deus, os Três considerados juntamente [...] Assim que comecei a pensar na Unidade logo me encontrei envolvido no esplendor da Trindade. Mal começo a pensar na Trindade, logo à Unidade sou reconduzido”* (CIC, § 256).

O modelo da Trindade oferece um maravilhoso encorajamento para a vida comunitária.

## II - JESUS E OS DISCÍPULOS

Podemos facilmente imaginar Jesus percorrendo a Galileia com seu grupo heterogêneo de discípulos, atravessando as estradas e visitando aldeias enquanto conversavam, discutiam e questionavam uns aos outros. É uma imagem simples e atraente que nos apresenta, de uma maneira particular, a vida consagrada e seus desafios.

Deixem-me identificar três destes desafios: viver com um grupo diversificado, aprender uns com os outros e lidar com as dificuldades.

### a) VIVER COM UM GRUPO DIVERSIFICADO

A lista dos nomes dos discípulos oferece algumas dicas sobre sua diversidade: lugares e/ou profissões diferentes e alguns laços familiares para outros. Alguns discípulos eram simples pescadores, outros tinham competências profissionais explícitas que exigiam uma formação. Havia diferenças claras nas opções políticas: a cooperação de Mateus com as autoridades romanas, como cobrador de impostos, talvez tenha sido um problema para Simão, membro do partido zelota. Outros tinham, provavelmente, raízes profundas no mundo dos judeus-gregos, enquanto a maioria vinha do mundo dos judeus-hebreus. Jesus chamou todos estes homens para segui-los e, eles precisaram aprender a conviver.

Podemos pensar nas diferentes personalidades que emergem em determinados momentos: a impetuosidade e disposição de Pedro em corrigir Jesus, assim como seu desejo de defendê-lo antes de fugir falam muito sobre ele. Podemos imaginar a originalidade de seu caráter. Tomé é apresentado como alguém que precisa de provas contundentes para crer no relato da Ressurreição; Felipe fala com Jesus sobre a necessidade de ver o Pai; presume-se que o discípulo amado tem uma intimidade especial com Jesus; Tiago e João

buscam lugares à direita e à esquerda de Jesus no Reino; Judas questiona a utilização de um perfume caro para lavar os pés de Jesus e depois o trai. Os discípulos são, claramente, um grupo misto. E Jesus aprende a lidar com eles e os encoraja a usar os dons que cada um possui. Jesus não chama simplesmente um tipo particular de pessoa para segui-Lo, mas cada um traz suas próprias limitações e capacidades.

Certamente, é uma lição para que reconheçamos na diversidade de nossas comunidades os dons e os limites de nossas Irmãs: *“Acolhamos cada Irmã com um olhar de fé e aceitemos as diferenças como uma riqueza”* (DIA, pág. 21)

É importante aprender a apreciar os dons de cada uma e as maneiras como eles podem ser utilizados para o bem comum. Nós também somos convidados a realizar a missão de encorajamento que nos permite compartilhar os dons dos outros que precisam ser solicitados, (no Novo Testamento a figura de Barnabé nos lembra esta importante tarefa de uma comunidade). Algumas vezes, somente com o nosso encorajamento é que uma Irmã descobre e exercita seus dons. Ser este tipo de pessoa na comunidade é um verdadeiro dom para a outra e para a Igreja.

### **b) Aprender umas com as outras**

A melhor maneira de conhecer a si mesmo é através do outro. Quando vejo a fraqueza no outro, posso ver a possibilidade desta fraqueza em mim e as diferentes maneiras como ela se manifesta. Quando reconheço sua qualidade, posso visualizá-la também em mim - se eu a desejar e me dedicar para adquiri-la. O outro me mostra quem eu sou e o que posso ser. É uma bênção para a vida comunitária.

*“É bom preparar os jovens, desde o início, para serem construtores e não somente consumidores da comunidade; para serem responsáveis um pelo crescimento do outro; para estarem abertos e disponíveis a receber um o dom do outro, capazes de ajudar e ser ajudados, de substituir e ser substituídos”* (VFC, 24)<sup>2</sup>.

Podemos perguntar-nos o que os discípulos aprenderam com Jesus. Eles questionaram Jesus sobre este ou aquele assunto; fizeram perguntas sobre a oração e Jesus lhes ensinou o “Pai-nosso”. Foram muitas as oportunidades de aprender com Jesus, porém, muitas vezes, eles só compreenderam com a ajuda do Espírito Santo, após as explicações e os ensinamentos de Jesus. É algo normal, pois também nós, só percebemos a importância de algumas lições depois de tê-las vivenciado um certo tempo.

Sem dúvida, os discípulos aprenderam muito uns com os outros. Pode-se imaginar os tipos de conversas que tinham entre eles quando refletiam sobre alguns ensinamentos e ações de Jesus. O Novo Testamento mostra que os discípulos ficaram intrigados com o que Jesus disse sobre a “ressurreição dos mortos”; surpresos quando Jesus lhes contou que era difícil para um rico entrar no Reino dos céus. Eles discutiram entre eles sobre quem era o maior e ficaram com raiva de Tiago e João que tentaram conseguir com Jesus, lugares especiais no Reino. Quando Jesus pergunta aos discípulos sobre o que povo dizia a seu respeito e quem eles pensavam que Ele era, Pedro respondeu; mas os outros discípulos, provavelmente, escutaram e aprenderam. Todas as questões colocadas para Jesus com suas respostas são também questões e respostas que lhes foram dirigidas.

Conosco acontece o mesmo se nos deixamos interpelar por questões e lições que aprendemos dos outros. É dentro de uma comunidade de diálogo e de partilha que aprendemos uns com os outros. As experiências dos outros, seus sucessos, seus erros, seus progressos, são ocasiões de aprendizagem para todos nós.

*“Intensifiquemos a qualidade das partilhas comunitárias, particularmente a reflexão apostólica, num clima de escuta mútua e de diálogo”* (DIA pág. 21).

Luísa compreendeu este princípio e o recomendou as suas Irmãs: *“Animai-vos umas as outras, e que os bons exemplos, que mutuamente vos derdes, façam mais do que poderiam realizar as palavras”* (SL, Escritos Espirituais, C.467 (L.402) pág. 513).

*“Renovai-vos, pois, minhas queridas Irmãs, em vosso primeiro fervor e começai pelo desejo sincero de agradar a Deus, recordando-vos de que Ele vos conduziu por sua Providência ao lugar onde vos encontrais e vos colocou juntas para vos ajudardes, mutuamente, a adquirir a perfeição”* (SL, Escritos Espirituais, C.115 (L.104bis) pág. 134).

Os discípulos aprenderam com Jesus e uns com os outros; assim deve ser também para nós e isto é um estímulo para partilhar nossa vida e nossas histórias. Ao fazermos perguntas uns para os outros, ao escutarmos as respostas, ao partilharmos nossas opiniões, ampliamos nossas experiências e contribuimos para um crescimento mútuo. Isto é uma verdadeira bênção para a vida comunitária.

### **c) LIDAR COM AS DIFICULDADES**

Algumas das melhores lições que os discípulos aprenderam com Jesus surgiram das dificuldades que encontraram, confirmando de uma certa maneira, esta verdade parcial da afirmação de Nietzsche de que *“o que não nos mata, nos torna mais fortes”*. Quando Pedro caminhando sobre as águas desvia o olhar de Jesus, ele começa a afundar e a aprender algo. Quando Jesus se recusa a invocar o fogo do céu para destruir a cidade que havia rejeitado Tiago e João, estes aprendem algo. O mesmo ocorre com os discípulos, quando Jesus expulsa os comerciantes do Templo e causa um certo tumulto entre os líderes judeus, quando Ele toca os impuros, fala com a mulher estrangeira, come com os cobradores de impostos, lava os pés dos discípulos, convoca seus discípulos a alimentar a multidão faminta e quando os discípulos colhem trigo no sábado, etc.. Todas essas experiências de discordância e desentendimentos são ocasiões de aprender algo novo. Quando os discípulos fazem a releitura destes acontecimentos, eles aprendem a conhecer melhor Jesus e uns aos outros.

Poderíamos enumerar uma lista destas exigentes circunstâncias enfrentadas por Jesus e seus discípulos, que nos servem de lição. Na verdade, as situações difíceis nos ensinam sempre algo e as mais importantes lições vêm, muitas vezes, das situações difíceis. A cruz é o melhor exemplo disso: *“não há maior amor”*...

E quanto a nós? Sabemos tirar lições das difíceis situações que podemos viver com nossas Irmãs? Este aprendizado nos torna mais sábios, mais gentis, mais compassivos e compreensivos? Elas nos ensinam a misericórdia e o perdão? Permitem-nos reconhecer nossa própria fraqueza?

*“Enfrentemos, com coragem e na verdade, os desafios da vida comunitária, especialmente com a ajuda da reconciliação”* (DIA pág. 21).

As dificuldades encontradas em nossa vida apostólica nos tornam mais indulgentes com as pessoas que servimos e mais compreensivos, diante das circunstâncias que enfrentamos todos os dias? A experiência de comunidade dos discípulos com Jesus é uma fonte de formação para nós.

## **III - A COMUNIDADE CRISTÃ EM PENTECOSTES**

O relato da Igreja Primitiva em Pentecostes é o terceiro exemplo, frequentemente, apresentado nos documentos da Igreja para ilustrar o caráter de uma comunidade cristã. Jesus ressuscitou e ascendeu ao Pai. A comunidade cristã, incluindo Maria, está agora reunida esperando pelo dom do Espírito Santo, que vem para enchê-los da graça de Deus. Para esta imagem, vou sugerir três circunstâncias que podem nos instruir: uma comunidade cheia do Espírito; uma comunidade eclesial e uma comunidade para a missão.

### **A) UMA COMUNIDADE CHEIA DO ESPÍRITO SANTO**

A Comunidade reunida para Pentecostes recebe o dom do Espírito Santo:

*“Antes de ser uma construção humana, a comunidade religiosa é um dom do Espírito. De fato, é do amor de Deus difundido nos corações por meio do Espírito que a comunidade religiosa se origina e por ele se constrói como uma verdadeira família reunida no nome do Senhor”* VFEC, 8).

Jesus tinha prometido o dom do Espírito para a Igreja, através dos discípulos: *“E eu rogarei ao Pai, e ele vos dará outro Paráclito, para que fique eternamente convosco. É o Espírito da Verdade, que o mundo não pode receber, porque não o vê nem o conhece, mas vós o conhecereis, porque permanecerá convosco e estará em vós (...) Mas o Paráclito, o Espírito Santo, que o Pai enviará em meu nome, ensinar-vos-á todas as coisas e vos recordará tudo o que vos tenho dito”* (Jo 14, 16-17; 26).

Jesus disse aos seus discípulos que o Espírito lhes explicaria tudo o que Ele tinha dito. Uma comunidade cheia do Espírito Santo é uma comunidade aberta que busca sempre novas maneiras de expressar e viver a mensagem evangélica. Como é estimulante e que tamanha graça é pertencer a uma comunidade que se beneficia dos impulsos da moção do Espírito e a eles responde! Uma comunidade que se deixa transformar pelo Espírito reconhece também seus limites e suas necessidades de ajuda. Assim como os primeiros cristãos esperavam este dom do Espírito, nós também devemos esperá-lo e deixarmo-nos *“transformar pelo Espírito: Fonte de Profecia e Esperança”*, como nos encoraja o título do Documento Interassembleias.

Os dons do Espírito são: inteligência, sabedoria, conselho, fortaleza, entendimento, piedade e temor de Deus. Está clara a necessidade destes dons em qualquer comunidade, e particularmente numa comunidade cristã chamada a viver os valores cristãos. Eles constroem e sustentam um grupo que está comprometido em viver juntos os valores cristãos. O Espírito permite aos membros da comunidade lembrar e colocar em prática, as lições de Jesus, permitindo ainda tomar a boas decisões e ser fiel a sua missão.

## **B) UMA COMUNIDADE ECLESIAL**

Nós estamos juntos como Igreja. Escutemos como a comunidade cristã cheia do Espírito de Deus é caracterizada:

*“A multidão dos fiéis era um só coração e uma só alma. Ninguém dizia que eram suas as coisas que possuía, mas tudo entre eles era comum. Com grande coragem os apóstolos davam testemunho da ressurreição do Senhor Jesus. Em todos eles era grande a graça. Nem havia entre eles nenhum necessitado, porque todos os que possuíam terras e casas vendiam-nas, e traziam o preço do que tinham vendido e depositavam-no aos pés dos apóstolos. Repartia-se então a cada um deles conforme a sua necessidade”* (Atos 4, 32-35).

Este texto ilustra o sentido de partilha e de responsabilidade mútua da comunidade cristã. Seus membros tinham interiorizado tão bem o sentido da comunidade que a necessidade de um era aceita como responsabilidade de todos. Esta imagem simboliza nossas comunidades: partilhar nossos bens com generosidade, não sendo proprietários de alguns recursos que excluem as legítimas necessidades dos outros. Desta maneira, estaremos agindo contrariamente do desejo atual e comum de proteger-se contra as incertezas do futuro. Devemos enfrentar o futuro como uma comunidade e ter a intenção de cuidar dele, juntos.

A primeira comunidade cristã é também descrita nos Atos dos Apóstolos numa extraordinária frase: *“Perseveravam eles na doutrina dos apóstolos, na reunião em comum, na fração do pão e nas orações”* (Atos 2,42). Estes quatro elementos, que favorecem e fortificam a vida da Igreja, estão também presentes em nossas Constituições e no Documento Interassembleias. Chamo-lhes a atenção de uma maneira especial para o terceiro elemento: a fração do pão, expressão utilizada pelos primeiros cristãos para designar a Eucaristia.

Desde o começo, o caráter da comunidade era definido pela maneira como se reunia para a Eucaristia, estabelecendo quem eram os que dela participavam e aqueles que não podiam dela participar, assim como a maneira de acolher e adorar Jesus. Ao longo da história, a Igreja aprofundou muito a teologia e a prática da Eucaristia. Atualmente, dizemos que ela é *“a fonte e o ápice”* de nossa vida cristã, e deve ser também assim para nós e nossas comunidades. Ela deve ser o lugar onde celebramos nossa unidade e igualdade, o lugar onde temos fome e saciamos nossa fome de Deus.

“A vinda do Espírito Santo, primeiro dom aos que têm fé, realizou a unidade querida por Cristo. Infundido sobre os discípulos reunidos no cenáculo com Maria, deu visibilidade à Igreja que, desde o primeiro momento, se caracteriza como fraternidade e comunhão, na unidade de um só coração e de uma só alma (Cf. At 4, 32)” (VFC, 9).

### C) UMA COMUNIDADE PARA A MISSÃO

Em Pentecostes, após terem recebido o dom do Espírito, os primeiros cristãos foram enviados em missão: começaram a falar em línguas. Este foi o início da proclamação do Evangelho:

“Chegando o dia de Pentecostes, estavam todos reunidos no mesmo lugar. De repente, veio do céu um ruído, como se soprasse um vento impetuoso, e encheu toda a casa onde estavam sentados. Apareceram então uma espécie de línguas de fogo que se repartiram e pousaram sobre cada um deles. Ficaram todos cheios do Espírito Santo e começaram a falar em línguas, conforme o Espírito Santo lhes concedia que falassem” (Atos 2,1- 4).

Muitos Documentos da Igreja reconhecem que uma comunidade religiosa é uma comunidade para a missão. Lemos em “*Vida Fraterna em Comunidade*” (1994):

“Lembrar que a missão apostólica está confiada, em primeiro lugar, à comunidade e que isso, muitas vezes, comporta também a direção de obras próprias do instituto. A dedicação a tal apostolado comunitário faz amadurecer a pessoa consagrada e a faz crescer em seu peculiar caminho de santidade” (VFC, 40d).

Os religiosos e as religiosas são enviados para o serviço aos outros. A Companhia das Filhas da Caridade é apostólica por natureza. No *Documento Interassembleias*, proclamamos que: “seremos testemunhas da caridade de Cristo, através de nossos serviços, nossa vida e nossa proximidade com os pobres” (pág.13). Os votos das Filhas da Caridade proclamam que elas se doam “inteiramente e em comunidade ao serviço de Cristo nos pobres, seus irmãos e irmãs” (C. 7a). Em qualquer época e em qualquer lugar, a caridade em ação define e orienta a natureza do nosso carisma.

### CONCLUSÃO:

Os seres humanos foram criados para viverem juntos, em comunidade. A Comunidade é o contexto da Eucaristia. A Igreja convida as comunidades cristãs, e as comunidades religiosas a progredirem, constantemente, baseadas no modelo da Trindade, símbolo da unidade e da diversidade. A primeira comunidade cristã chama a partilhar e ao serviço aos outros. As comunidades são reunidas pelo amor mútuo que tende para o amor divino e envolve o amor humano. O Espírito Santo tem um papel essencial no desenvolvimento das comunidades, no suporte mútuo e no crescimento das pessoas. A vida consagrada é fortalecida e renovada pelas pessoas que, juntas, a abraçam. O documento *Vita Consecrata* ensina:

“Para as pessoas consagradas, feitas “um só coração e uma só alma” (Atos 4,32) por este amor derramado nos corações pelo Espírito Santo (cf. Rm 5,5), torna-se uma exigência interior o colocar tudo em comum: bens materiais e experiências espirituais, talentos e inspirações, como também ideais apostólicos e serviço caritativo: ‘Na vida comunitária, a energia do Espírito que existe numa pessoa, passa contemporaneamente a todos. Nela, não só se usufrui do dom próprio, mas este é multiplicado quando se participa aos outros, e goza-se tanto do fruto do dom alheio como do próprio’” (VC 42).

Aqueles que respondem a vocação religiosa devem enfrentar muitos desafios para viver a vida comunitária, mas eles recebem, igualmente, inúmeras graças. Rezemos para que o Espírito que nos reúne em comunidade nos dê o desejo e a disponibilidade para bem viver a vida comunitária e oferecer apoio às Irmãs com quem convivemos e também aos Pobres que servimos.



Notas:

<sup>1</sup> Documento Interassembleias 2009-2015

<sup>2</sup> Vida Fraterna em Comunidade

## IRMÃ EVELYNE FRANC, SUPERIORA GERAL

### **Chamadas a ser testemunhas da radicalidade evangélica**

#### **INTRODUÇÃO**

É uma alegria encontrar-me com vocês que têm entre 11 e 24 anos de vocação e que vieram de diferentes países e Províncias da Companhia.

Além desse grupo, existem ainda 1.692 Irmãs no mundo inteiro que pertencem a mesma faixa etária de vocação; elas partilham seus sonhos e suas esperanças e enfrentam, sem dúvidas, os mesmos desafios que vocês.

Este encontro, como vocês sabem, tem por objetivo o revigoramento espiritual e vicentino, conforme a expressão que escolhemos no Conselho geral, durante o nosso discernimento sobre a formação organizada em âmbito internacional. O que significa dizer que vocês são beneficiadas, durante esta sessão, de uma ocasião especial para reler os seus anos de vocação passados na Companhia, para agradecer ao Senhor pelo dom da vocação e abrir o coração à graça que o Senhor não deixa de nos enviar, a todas diariamente.

Por que vocês estão aqui? Para uma pausa: “*vinde à parte*”<sup>1</sup>. Gostaria de convidá-las a dar uma parada na beira do caminho, para que no fundo dos seus corações, vocês possam se recolher e reler com os olhos da fé, sua caminhada desde o primeiro chamado. Isto lhes permitirá verificar onde se encontram e para onde o Espírito Santo está conduzindo-as. Tenho certeza de que vocês desejam realmente se colocar à escuta do Senhor no silêncio de seu coração e fazer a experiência de seu amor por todas.

Todas sabem muito bem que, desde sua origem, a Companhia optou pela radicalidade evangélica para seguir o Cristo e continuar sua missão<sup>2</sup>. Muitas vezes, vocês se questionam na reflexão e oração, como estão vivendo a oração, para onde estão indo as suas energias, quais são as suas preocupações e prioridades, como vocês se sentem espiritualmente. Definitivamente, trata-se de fazer uma revisão de vida, de identificar como respondemos ao chamado do Senhor e o que se está fazendo para cultivar o dom da vocação, este tesouro que todas, qualquer que seja nossa idade, carregamos em vasos de argila<sup>3</sup>.

Desejo partilhar com vocês algumas reflexões simples sobre o tema que escolhi “Chamadas a ser testemunhas da radicalidade evangélica”, com os pobres, na Igreja e no mundo. Esta reflexão vai desenvolver-se em três etapas:

- A radicalidade evangélica na perspectiva do amor
- O chamado a testemunhar a radicalidade evangélica
- Ontem e hoje: Testemunhas da radicalidade evangélica

## **I - A RADICALIDADE EVANGÉLICA NA PERSPECTIVA DE AMOR**

### **1.1 - DEIXAR-SE FASCINAR POR JESUS CRISTO**

No início desta reflexão, gostaria de evocar a passagem evangélica na qual Jesus convida seus discípulos a avançar para águas mais profundas<sup>4</sup>, pois sei que esta imagem vai ajudar-nos a compreender o que implica seguir Jesus com radicalidade, deixando tudo por Ele.

Transportemo-nos em pensamento à beira do lago (ou ao local onde cada uma percebeu com clareza o chamado do Senhor). Ao lado de vocês está Jesus que as convida novamente, como Ele fez naquele dia, a subir no barco, a distanciar-se da margem e dirigir-se para o fundo, para o alto mar.

A radicalidade evangélica tem como ponto de partida e de apoio a experiência alegre do maravilhoso encontro com Jesus, uma atração e uma fascinação por sua pessoa. Após o encontro com o Cristo, não há nada que se compare. Trata-se de uma experiência decisiva que nos transforma e nos deixa marcadas para sempre.

Os Evangelhos nos mostram como os primeiros discípulos, André e João; depois, Pedro, Felipe, Natanael e Mateus deixaram-se fascinar por Jesus Cristo. Algum tempo depois, muitas outras pessoas encontraram o Senhor Jesus e suas vidas mudaram totalmente, pois *“deixando tudo, eles o seguiram”*<sup>5</sup>.

Deixar tudo por amor é a chave da radicalidade evangélica. Parece-me importante compreendermos bem que o coração da radicalidade é o amor. A radicalidade se distingue da rigidez, da tensão, do estoicismo voluntarista ou da exaltação; ela é igualmente bem diferente do perfeccionismo, que pode ameaçar-nos.

Para nós, Filhas da Caridade, viver a radicalidade evangélica supõe ir à raiz da vocação e aprofundar o chamado, amar Jesus Cristo sem colocar nada acima deste amor, em vista do serviço dos pobres.

São Vicente descreve perfeitamente esta resposta radical ao chamado quando afirma que para ser Filha da Caridade, deve-se deixar tudo: pai, mãe, bens, projetos de futuro e deixar-se a si mesmo. É isto que o Senhor nos ensina no Evangelho<sup>6</sup>.

*Você deixou na beira do lago, tudo o que pode impedi-la de viver a vocação com um amor generoso e alegre?*

## **1.2 - ZELAR PELO TESOIRO DA VOCAÇÃO**

Quem descobre o tesouro da vocação e o acolhe como o mais belo presente recebido em sua vida, guarda-o e permanece vigilante para que nada e ninguém possa separá-lo do amor de Cristo<sup>7</sup>. Vocês irradiam a alegria como aquela que encontrou o tesouro de sua vida? Vocês têm zelo por sua vocação?

Para cuidar deste tesouro, devemos cultivar uma profunda vida de oração, alimentada pela escuta da Palavra de Deus, pela vida litúrgica e sacramental, (especialmente a Eucaristia e a Reconciliação), pois *“se não acreditardes, não vos mantereis firmes”*<sup>8</sup>.

Gostaria de destacar a importância da Eucaristia, pois ela é alimento para nossa vocação. Santa Luísa expressou muitas vezes seu amor pela Comunhão e sua preocupação em se preparar bem para recebê-la. Seu pensamento é de uma delicadeza impressionante: *“A outra razão que temos para dar-nos a Deus a fim de comungarmos bem, é a gratidão que devemos ter pelo grande amor que Ele nos manifesta, dando-se a nós na Sagrada Comunhão. Isso exige que manifestemos a Nosso Senhor um amor de algum modo recíproco, desejando, de todo coração, recebê-lo, pois, de todo coração, Ele quer se dar a nós. Seu amor pareceu-me ainda maior ao considerar que, tendo bastado sua Encarnação para redimir-nos, parece que se dá a nós na Sagrada hóstia puramente para nossa santificação, não apenas aplicando-nos os méritos de sua Encarnação e Morte, mas também, dando-nos como Sua bondade quer fazê-lo, uma comunicação de todas as ações de sua vida e levando-nos a entrar na prática de suas virtudes, pois deseja que sejamos semelhantes a Ele, graças ao seu amor”*<sup>9</sup>.

O pensamento de Santa Luísa se encontra na Constituição 19b: *“As Irmãs estão conscientes da importância vital da Eucaristia, centro de sua vida e de sua missão, encontro essencial diário com Cristo e os irmãos”*.

Como você vive a Eucaristia? Você dispõe de um momento para preparar o coração, o espírito e o corpo e depois, alguns minutos de silêncio, para adoração e ação de graças? Você recebe regularmente o sacramento da Reconciliação?

São Vicente encorajava as Irmãs para se aproximarem deste fogo pelo qual elas se deixam invadir, primeiro por amor do Cristo e depois, para atrair ao Cristo, por sua caridade e bom exemplo, todos aqueles que elas serviam. “*Quem comunga bem, faz tudo bem*”<sup>10</sup>.

A união a Cristo, alimentada pela Comunhão quotidiana e a oração, as ajudarão a descobrir sua presença mesmo nos momentos de dificuldades ou de desilusão, como foi o caso para os apóstolos que, após uma noite de esforço infrutífero, vieram ao Mestre para lhe contar sua decepção”<sup>11</sup>.

Na sua caminhada vocacional, certamente vocês já fizeram a experiência de algumas dificuldades, de períodos de obscuridade e de tentações. Em tais momentos de crise é necessário compreender bem o que está acontecendo e buscar as causas; rezar com confiança, buscar ajuda, deixar-se orientar. Vocês têm, ao seu lado uma Irmã Servente que acompanha as Irmãs da Comunidade na caminhada cotidiana da vocação, sejam abertas com ela. A Visitadora e o Diretor provincial estão igualmente disponíveis para ajudá-las.

Observem a si mesmas e verifiquem se a sua trajetória vocacional está amadurecendo e se aprofundando regularmente, o que é sinal de boa saúde. Se vocês sentem sintomas de tibia, de desânimo, apliquem remédios, rapidamente, antes que seja muito tarde.

Diante de suas idades e dos seus anos de vocação, vocês se encontram em uma etapa crítica que requer uma retomada de posição lúcida diante das exigências da vocação. A fidelidade à vocação implica rupturas claras e desapegos concretos. Às vezes, estas palavras rupturas e desapegos surpreendem ou até mesmo assustam, quando ainda não aprofundamos muito bem o valor evangélico do chamado do Senhor, de tudo deixar por seu Amor. Quando isto é bem compreendido e o ideal vocacional das Filhas da Caridade é assumido, estas palavras se tornam plenas de sentido, pois se trata de rupturas e de desapegos que nascem do amor e fazem crescer no amor. A pessoa que ama está disposta a tudo.

Permitam-me dizer-lhes que a sua preocupação principal deve ser a de zelar pela fidelidade de sua vocação. Vocês poderão contar com o apoio de suas Comunidades locais para aprender a caminhar e a viver com autenticidade, alegria, disponibilidade, gratuidade. Amem a vida fraterna, participem com alegria e interesse da vida comunitária, façam suas Irmãs felizes.

Santa Luísa estimulava as Irmãs a manterem uma relação afetuosa, cordial: “*Louvo a Deus, de todo coração, pela graça que sua bondade vos concedeu de ser onde lhe aprouve colocar-vos o bom odor (de Cristo). Procurai, porém, ser-lhe reconhecidas, praticando as virtudes que Ele vos pede, sobretudo, grande cordialidade e bom entendimento entre as duas. Estou equivocada em recomendar-vos esta virtude, sem a qual jamais poderíeis ser boas Filhas da Caridade e nem sequer boas cristãs?*”<sup>12</sup>.

Em seu crescimento vocacional, vocês dispõem de uma grande ajuda, que é a da formação, caminho de conversão, fonte de revitalização e de renovação em vista da radicalidade evangélica de sua doação, da qualidade de sua vida fraterna e de seu testemunho.

Conservem bem o hábito da leitura pessoal e da reflexão. Preparem com cuidado os encontros comunitários de partilhas e de formação, participem deles com interesse. Cultivem com uma séria interioridade o fator de equilíbrio pessoal e da harmonia vocacional. É essencial que vocês trabalhem a fundo os documentos da Igreja, se possível em Comunidade; que leiam e aprofundem os escritos dos fundadores, que fiquem bem impregnadas do espírito das Constituições e Estatutos e atentas às orientações da Companhia.

Desejo destacar ainda mais a importância da formação contínua, a capacidade de aprender da vida cotidiana (a autoformação), escola formadora e dinamismo essencial para viver a radicalidade evangélica.

Permaneçam profundamente enraizadas no amor de Jesus Cristo, assim vocês enfrentarão com coragem as dificuldades que se apresentam.

### **1.3 - BUSCAR O QUE AGRADA AO SENHOR, GRAÇAS AO DISCERNIMENTO EVANGÉLICO.**

Vocês fazem parte de uma geração profundamente influenciada por correntes ideológicas que, como um poderoso tsunami, agitam o mundo atual, abalam o que antes se imaginava bastante sólido e nos obrigam a realizar um discernimento adequado. Gostaria de insistir sobre a necessidade de utilizar o discernimento evangélico para viver a radicalidade e afrontar lucidamente os desafios do mundo atual.

O discernimento é uma atitude permanente, uma maneira de viver no cotidiano à escuta do Espírito. São Paulo exortava os destinatários de suas cartas para não se conformarem com o mundo, mas para transformar-se pela renovação do espírito, para conhecer “*qual é a vontade de Deus, o que é bom, o que lhe agrada, o que é perfeito*”<sup>13</sup>.

O discernimento evangélico é um caminho para o Amor. Sabemos que um amor vivo não encontra nenhuma dificuldade e mesmo se ele a encontrasse, a transformaria em algo suave e agradável. Santa Luísa dizia às Irmãs enviadas à Serqueux: “*Tende um grande coração; nada vos seja difícil, pelo santo amor de Deus...*”<sup>14</sup>. Quem ama consegue tornar fácil o que é difícil.

Na sociedade onde os valores e os contravalores são misturados e, às vezes se confundem, parece-me essencial que vocês, Irmãs entre 11 a 24 anos de vocação, sejam conscientes da necessidade do discernimento para examinar com sabedoria as realidades atuais e permanecer com o que é bom<sup>15</sup>.

Vocês podem constatar o quanto, no mundo atual existe uma sede de espiritualidade, e o quanto, ao mesmo tempo, o secularismo ganha terreno. Em muitos círculos, respira-se uma espécie de neopaganismo cujos ídolos se chamam: busca do prazer, culto da imagem, sede de poder. Atualmente, algumas correntes da espiritualidade distanciam-se da fé autêntica, do Credo da Igreja. Entre eles, destaco o Eneagrama, que não é conforme com a fé católica e que não tem base científica sólida e, no entanto, conhece um certo sucesso. A fé da Igreja nos ensina que é Jesus Cristo que revela a verdade sobre a pessoa humana e nos dá a graça para viver em plenitude.

O discernimento é pedagógico e termina com uma tomada de decisão; é um caminho para a verdadeira liberdade, diante das artimanhas do maligno. Se nos deixamos iluminar e conduzir pelo Espírito, saberemos sustentar tudo o que contribui para a dignidade da pessoa humana, para a defesa da vida, para a promoção da justiça, da paz e da solidariedade. Estaremos preparadas para adotar uma atitude crítica diante dos contravalores que se opõem à vida; podemos reagir com coragem diante das armadilhas da secularização, da tentação do hedonismo, diante de toda forma de injustiça.

A trama de nossa vida cotidiana passa também pelo discernimento, a propósito, por exemplo, do estilo de vida, do emprego do tempo. O documento Interassembleias nos pede para revisar nosso ritmo de vida para favorecer a qualidade de nosso ser de Filha da Caridade<sup>16</sup>. A releitura de vida<sup>17</sup> é um exercício cotidiano de discernimento evangélico para descobrir a ação do Senhor em nossa vida, para nos deixar conduzir pelo Espírito e crescer em fidelidade.

Gostaria de comentar com vocês a diferença que existe entre o normal e o frequente, isto é, o que se faz habitualmente. Podemos pensar que tudo o que é frequente é normal, mas se fizermos um bom discernimento, veremos que não é este o caso. Estamos convencidas de que o Evangelho, as Constituições e os Estatutos são as referências para realizar o discernimento; não é a moda, nem o que os outros fazem, nem o que vemos fazer frequentemente.

## **2- O CHAMADO PARA TESTEMUNHAR A RADICALIDADE EVANGÉLICA**

## 2.1 - VIVENDO NOSSA VOCAÇÃO COM AUTENTICIDADE E COERÊNCIA

A autenticidade está relacionada com a verdade; quanto a coerência, ela consiste em ajustar a vida ao projeto vocacional pelo qual se optou. A autenticidade e a coerência fazem transparecer a identidade. Ambas vão muito além das palavras, são lidas nas atitudes e ações que já são um modo de evangelização.

Quando a identificação com a vocação é fraca, vive-se de maneira superficial, como um trabalhador social que realiza um serviço humanitário. Pode acontecer que estejamos bem à vontade com certos aspectos do serviço dos pobres sem, no entanto, estar plenamente identificadas com o ser de Filha da Caridade. Se a identidade enfraquece, os projetos pessoais vão prevalecer sobre a missão da Companhia. Carrega-se a vocação sem entusiasmo e, imperceptivelmente a pessoa vai caindo pouco a pouco na rotina, na passividade e na indiferença: o desencantamento aparece, a identidade definha e vai desaparecendo, às vezes, ela se torna um obstáculo constrangedor que procuramos esconder. Vocês se sentem felizes, orgulhosas de serem Filhas da Caridade? Quando perdemos de vista o ideal de seguir Jesus Cristo e de lhe pertencer totalmente, servindo-O na pessoa dos pobres, surgem sintomas alarmantes: o individualismo ou a superficialidade: trabalhos medíocres que levam a uma vida banal, ao desinteresse e à passividade na vida comunitária, a buscar o mais fácil, o mais cômodo; nesse momento o esforço não tem mais sentido ou pensa-se mais em direitos do que em deveres. Busca-se assumir as primeiras funções no serviço e isso, leva ao exercício de uma profissão ou de um modo de agir rotineiro, sem elã carismático.

Seria bom que cada uma se interrogasse sobre a maneira como vive a vocação, e também como as pessoas as veem vivendo-a. Eles nos veem como uma Filha da Caridade, ou como uma enfermeira, uma professora, uma educadora, ou uma assistente social? Certa vez, uma Irmã recebeu uma confidência que se referia à sua simplicidade: *Irmã*, disse-lhe uma de suas alunas, *não consigo imaginá-la a não ser como uma Irmã*.

Tentemos evocar quais são os sinais da identidade vocacional e de pertença à Companhia, os traços de família comuns às Filhas da Caridade, - maneiras de se comportar, de pensar, de viver e de servir - que nos caracterizam onde quer que vivamos. Quando o amor da vocação está bem enraizado, a espiritualidade está plenamente integrada, as mediações são assumidas, a pertença se vive em comunhão com todos os membros da Companhia. Vocês são reconhecidas como Filhas da Caridade lá onde a Companhia as enviou? Sugiro-lhes que em sua reflexão pessoal e no trabalho que realizarão em grupo, vocês possam fazer uma espécie de esquema, descrição da identidade e da pertença, indicando os traços essenciais que as caracterizam.

## 2.2 - ADERINDO AO PROGRAMA DE VIDA DAS BEM-AVENTURANÇAS E ASSUMINDO OS CONSELHOS EVANGÉLICOS.

O Catecismo da Igreja Católica explica que as bem-aventuranças estão no centro da pregação de Jesus. Seu anúncio retoma as promessas feitas ao povo eleito desde Abraão, elas as realizam não mais em vista da terra prometida, mas do Reino dos céus. Elas retratam o rosto de Jesus Cristo descrevendo a caridade<sup>18</sup>.

As Bem-aventuranças respondem ao desejo de felicidade que Deus colocou no coração do homem. A bem-aventurança prometida nos coloca diante de opções morais decisivas, nos convidam a purificar nossos corações, a buscar o amor de Deus, mais do que tudo. Ela nos ensina que a verdadeira felicidade não está na riqueza ou no bem-estar, nem no sucesso, na glória humana ou no poder, nem em nenhuma obra humana, por mais útil que seja, mas somente em Deus, fonte de todo bem e de todo amor. As beatitudes modificam e ampliam o horizonte de nossa maneira de pensar, sentir e agir. Elas são um programa de vida sobre as atitudes, as ações e a relação com os outros. O espírito das bem-aventuranças oferece novidade, beleza, surpresas. Os bem-aventurados são os pobres, os perseguidos, os aflitos. Os mansos, os misericordiosos e os de coração puro são fortes; os que são humilhados, incompreendidos ou perseguidos triunfarão.

Um coração pobre é capaz de sofrer, de compartilhar. Ele vive em paz e na alegria em meio às dificuldades, até da perseguição. O pobre se prende a Deus como o seu único tesouro e em seu coração não há nada que o distancie Dele. Viver a indulgência é deixar-se guiar simplesmente pela vontade de Deus, sem fazer resistência. A pessoa que chora é aquela que sofre pelos outros, luta e reza para combater o pecado do mundo. Um olhar puro, um coração compreensivo, misericordioso embelezam a vida e o viver juntas. Irradiar a paz, agir com justiça é construir uma humanidade melhor.

Os Fundadores viveram profundamente impregnados do espírito evangélico, com o olhar fixo em Jesus Cristo. A principal virtude de São Vicente, de acordo com o seu primeiro biógrafo Abelly, era a imitação de Jesus Cristo, que e ele tinha todo tempo diante dos olhos para conformar-se a Ele. Jesus era seu livro e seu espelho, Vicente se olhava Nele em toda ocasião e gostava de se perguntar como agiria nosso Senhor. Quid nunc Christus? Santa Luísa tinha o hábito de ler o Evangelho cotidianamente e escreveu no emprego do tempo das Irmãs este costume para encorajá-las na prática das virtudes e no serviço dos pobres, à imitação do Filho de Deus<sup>19</sup>. São Vicente e Santa Luísa desejaram que a Companhia fosse animada pelo espírito evangélico: “*Deus quer que as Filhas da Caridade se apliquem particularmente à prática da humildade, da caridade e da simplicidade*”<sup>20</sup>, este espírito evangélico que anima a serva dos pobres. Com este mesmo espírito, as Filhas da Caridade assumem e praticam os conselhos evangélicos para poder realizar o fim da Companhia: o serviço dos pobres, no seguimento de Jesus Servo e Evangelizador.

Está nossa vida impregnada da seiva do Evangelho que nos conduz a viver o programa das Bemaventuranças e os conselhos evangélicos de pobreza, castidade e obediência, que assumimos pelos votos?

Na vida da Igreja os votos sempre foram um elã espiritual, uma expressão de radicalidade no seguimento de Cristo. Com a emissão e a renovação dos votos, as Filhas da Caridade confirmam seu compromisso, seu dom total a Deus, de modo radical no seguimento de Cristo, servindo-o nos pobres. Esta vida doada é uma resposta ao chamado de Deus para viver as exigências evangélicas que contêm a consagração batismal. Como todas nós sabemos, o serviço é a expressão do dom total a Deus na Companhia e, ao mesmo tempo, olhar de fé e prática do amor<sup>21</sup>. Se o olhar de fé enfraquece, o serviço não se distingue de um voluntariado social, como o das pessoas que dedicam seu tempo aos outros por razões humanitárias: “*a fé sem caridade não dá fruto, e a caridade sem a fé seria um sentimento constante à mercê da dívida*”<sup>22</sup>.

Portanto, é essencial fazer crescer a mística do serviço que faz reconhecer, contemplar e amar o Cristo nos pobres<sup>23</sup>. É de suma importância viver plenamente as atitudes evangélicas da serva, uma atitude de gratuidade e de alegre dependência. É um caminho que ajudará os pobres a descobrirem que Deus os ama e que está com eles. Devemos manifestar nossas motivações e o porquê das coisas que fazemos, até anunciar explicitamente Jesus Cristo e seu Evangelho, como o melhor serviço que podemos oferecer aos pobres<sup>24</sup>.

No contexto de uma cultura hedonista, o conselho evangélico da castidade é um dom que “*libera o coração, dilatando-o segundo as dimensões do coração de Jesus Cristo, por uma doação incondicional e uma total disponibilidade ao serviço dos pobres*”<sup>25</sup>. O dom total a Deus implica a completa oferta de toda a nossa pessoa, o que somos, o que temos. O tempo que nos é dado não nos pertence mais, a saúde, os talentos, as forças e as possibilidades, tudo isso se transforma em uma oferta alegre. Gostaria de destacar um ponto importante, o das afeições que podem resultar em apegos e dependências. Seria bom rever periodicamente em qual nível vocês se encontram, pois lá onde estão os seus pensamentos, suas afeições, seu coração, lá está o seu tesouro. Gostaria de encorajá-las para olhar claramente quais apegos, quais dependências devem ser rompidas. O Senhor não cessa de chamá-las para viver a radicalidade do dom total.

Neste contexto mundial de uma sociedade de consumação, as Filhas da Caridade vivem a pobreza no seguimento do Cristo que a assumiu em espírito de abandono ao Pai e sinal de sua missão no mundo<sup>26</sup>. A pobreza e a confiança na Divina Providência são as pedras da fundação sólida para a Companhia, “*enquanto guardarem esta regra e amarem a pobreza, Deus abençoará a Companhia*”<sup>27</sup>, nos dizia São Vicente. É um apelo urgente para aceitar as condições de vida dos pobres, as incompreensões, sofrimentos e dificuldades, em solidariedade com eles, identificadas a eles, que são os excluídos de uma sociedade que não os considera. Os pobres suportam tudo! E devemos ficar felizes em sermos tratadas como eles, jamais melhor do que eles.

Neste contexto da sociedade atual que tem em alta estima a liberdade e a autonomia pessoal, as Filhas da Caridade, no seguimento do Cristo e sob o impulso do Espírito Santo, fazem a Deus a oferta total de sua liberdade<sup>28</sup>. A vocação de uma Filha da Caridade se sustentará se ela viver a obediência, se ela buscar e aceitar a Vontade de Deus. “*enquanto na Companhia se observar esta virtude, ela subsistirá, do contrário perecerá*”<sup>29</sup>. Tenho certeza de que a obediência nem sempre é fácil e eu gostaria muito de que vocês se questionassem e partilhassem sobre esse assunto. Espero que vocês tenham tido a oportunidade de ler o documento sobre o serviço da autoridade e da obediência, publicado pela Congregação para os Institutos religiosos e Sociedade de Vida apostólica.

### **2.3 - IRRADIANDO A ALEGRIA DE CRER E DANDO RAZÕES DE NOSSA ESPERANÇA**

Irradiar a alegria e dar razão da esperança que nos habita, eis aqui um grande desafio! Dizemos que o mundo está doente por falta de esperança e que a alegria se compra por um preço caríssimo. Qual é a causa disto? Por que isto acontece? Em toda parte, vemos o terrível espetáculo da violência sob todas as formas: guerras, terrorismo, impossibilidade de convivência, maus-tratos. Em cada um dos seus países, a convivência social é dificultada pelas grandes diferenças econômicas e sociais entre as pessoas e a falta de solidariedade, justiça e paz no âmbito das relações internacionais. Tudo isso ofusca a alegria e enfraquece a esperança.

O Papa Francisco na homilia do Domingo de Ramos convidou a viver a alegria, a combater a tristeza e a falta de ânimo. A verdadeira alegria nasce do encontro com Jesus, e nós somos conscientes de que Ele nos acompanha: nisto está nossa alegria, a esperança que devemos partilhar com o mundo. A todos, demos a alegria da fé. “*Abraçada com amor, a Cruz de Cristo nunca leva à tristeza, mas à alegria...*”<sup>30</sup>.

A alegria e a esperança têm sua fonte em uma vida centrada no Cristo, unificada n’Ele. Elas são contagiantes e resplandcentes. Redescubramos a alegria de crer, o entusiasmo de transmitir a fé, de comunicá-la<sup>31</sup>. Creiam, creiamos mais na força do Espírito que pode, através de nossas pobreza e fraquezas, mudar o mundo.

A alegria e a esperança permitem olhar a realidade de maneira positiva, de destacar os aspectos construtivos de todos os acontecimentos. A esperança “*é um dom que muda a vida de quem o recebe, como demonstra a experiência de tantos santos e santas*”<sup>32</sup>. Dirigindo-se aos cristãos de Tessalônica, São Paulo disse com vigor: “*Não vos entristeçais como os homens que não têm esperança*”<sup>33</sup>.

Gostaria de encorajá-las a irradiar a alegria de crer e dar testemunho de sua esperança. Continuem a trabalhar com entusiasmo e perseverança na pastoral da juventude e vocacional. As novas gerações têm necessidade de guias que lhes indiquem grandes e claros objetivos: elas têm necessidade de receber uma orientação que as ajude a se questionar sobre o sentido de suas vidas, sobre a vocação.

Nossas Constituições destacam o papel do testemunho da oferta generosa e da alegria na pastoral vocacional: “*Vivendo na alegria e em plenitude sua resposta pessoal ao Senhor, cada uma fortifica a fidelidade de suas Irmãs e contribui para o despertar de outras vocações*”<sup>34</sup>. Continuem a abrir caminhos para os jovens, mostrando-lhes a beleza de seguir Cristo e a grandeza de servir os pobres. É necessário promover uma cultura vocacional que permita reconhecer e aceitar a aspiração humana profunda e conduza à descoberta de que somente Cristo pode dizer-lhes toda a verdade sobre sua vida<sup>35</sup>. Ajude-os a tomarem consciência de sua responsabilidade na Igreja e a se comprometerem no serviço junto aos mais desfavorecidos<sup>36</sup>. Falem-lhes sobre sua vocação, mostrem-lhes com a linguagem de sua vida que as Filhas da Caridade são felizes. Possam os pobres e as pessoas que estão ao seu redor perceberem que realmente Jesus Cristo é a sua única esperança!

## **3 - ONTEM E HOJE: TESTEMUNHAS DA RADICALIDADE EVANGÉLICA**

### **3.1 - COM A FORÇA DO ESPÍRITO SANTO**

Os apóstolos e os discípulos de Jesus experimentaram uma mudança radical em suas vidas quando o Espírito Santo desceu sobre eles no dia de Pentecostes. De fato, é fascinante constatar a mudança radical que se realizou na vida de Pedro e Paulo, de Santo Agostinho e tantos outros santos a partir do seu encontro com Jesus Cristo. Como o chamado tocou seus corações, como eles não puderam resistir. Eles se deixaram cativar por seu amor e deixaram tudo pelo Cristo. Neles, se reflete a força transformadora do Espírito Santo. Nem a rejeição, nem a incompreensão, nem a prisão, a perseguição, o martírio ou a morte os separaram do amor ao Cristo.

### 3.2 - SOB O IMPULSO DA CARIDADE DE CRISTO

Olhem agora para São Vicente e Santa Luísa. Eles foram testemunhas da radicalidade evangélica. Sua vida totalmente doada, seu total engajamento inspirado e motivado pelo amor, falam mais alto. Nada, nem ninguém pode impedir seu desejo, seu entusiasmo, sua alegria de servir os pobres como alguém que corre para apagar o fogo<sup>37</sup>.

Nossas primeiras Irmãs, assim como tantas outras gerações depois delas, também souberam assimilar perfeitamente a mensagem da radicalidade evangélica que viveram nossos Fundadores. Margarida Naseau viveu sua vocação, seu dom total com um espírito de sacrifício chegando ao heroísmo. “*Jejuou muitas vezes dias inteiros e habitou lugares onde só havia paredes. Entregava-se algumas vezes de dia e de noite à instrução, não somente das meninas menores, mas também das adultas, e isto sem motivo de vaidade ou de interesse, sem outro fim senão a glória de Deus*”<sup>38</sup>. Joana Dalmagne, cuja caridade não se limitou a Nanteuil, quis com a permissão dos Superiores, servir os habitantes das aldeias vizinhas, apesar de seu cansaço e de suas enfermidades. Irmã André que se repreendia por ter tido muito prazer em servir os pobres: “*eu voava, porque sentia imensa alegria em servi-los*”<sup>39</sup>.

Vamos ao Brasil! Em 1853, poucos meses após a chegada das Irmãs, uma epidemia de febre-amarela fez sete vítimas dentre elas. Estas foram mártires da Caridade, pois recusaram a proposta feita pelas autoridades para se retirarem da cidade. *Preferimos morrer a abandonar o serviço dos pobres*, disse uma das Irmãs.

Alguns anos mais tarde na China, em 1876-1877, seis Irmãs morreram vítimas de tifo. Estas também foram mártires da Caridade. Eram Irmãs com idades semelhantes à de vocês; as duas mais jovens tinham 26 e 29 anos, as outras duas um pouco mais e a mais velha tinha 45 anos. Como resplandecia nelas o amor de sua vocação! Com que alegria elas enfrentaram a morte; morrer Filha da Caridade na China, que honra dizia uma delas. Uma outra Irmã entoou o Ave Maris Stella, invocando a Virgem Maria, estrela-do-mar, implorando sua ajuda para a última passagem.

A geografia da radicalidade evangélica e o perfume da caridade não conhecem limites, nem fronteiras. Em todos os continentes, em lugares distantes, de maneira audaciosa, quer seja no tumulto das barricadas, como Irmã Rosalie Rendu, ou no silêncio corajoso do serviço cotidiano como Santa Catarina, realmente foi a caridade de Cristo que as impulsionou a doar-se e a entregar-se totalmente para que os pobres pudessem viver e, sobretudo, conhecer Deus e descobrir que ele é Pai.

Evoquemos também nossas Irmãs recentemente beatificadas: Irmã Lindalva, Irmã Guiseppina, Irmã Marta, Irmã Margarida e as que serão beatificadas em outubro próximo, as mártires da fé do século XX, da Espanha. Todas, de uma maneira ou de outra, deram suas vidas pelo Cristo e pelos pobres.

Para terminar, gostaria de mencionar algo que aconteceu aqui na Casa-Mãe, na sala de retiro, não exatamente aqui neste lugar que nos encontramos, hoje. Em 1870, trinta Irmãs que tinham cuidado dos doentes de Cólera, em Crimeia, contraíram a doença e morreram. A superiora geral, Irmã Félicité Lequette, falou às Irmãs que estavam fazendo o retiro na Casa-Mãe. Ela pede para que voluntárias se levantem para substituir as Irmãs falecidas. Todas as Irmãs se colocaram de pé.



### 3.3 - MANTENDO VIVA A CARIDADE

Sem dúvida, uma profunda convicção estava gravada no coração de todas as Irmãs, que acabamos de mencionar e que foram testemunhas da radicalidade evangélica: não há maior prova de amor do que dar a vida por aquele que amamos<sup>40</sup>. Estou certa que esta mesma convicção está presente em seus corações, vocês que têm entre 11 e 24 anos de vocação. Por isso, dirijo-lhes este apelo, hoje, em nome da Companhia:

Minhas Irmãs, em toda parte os pobres são numerosos, mas algumas situações estão ainda mais críticas que outras e pedem reforço. É lá que o Senhor as espera, onde os pobres têm fome, onde estão morrendo, e onde eles têm necessidade de Deus! Vocês estão prontas para ir para a missão ad extra ou ad intra, lá onde, urgentemente, os pobres têm necessidade de nós? O Papa João Paulo II, por ocasião do Jubileu dos jovens, em Roma, dirige-lhes as palavras de Santa Catarina de Sena, plenas de entusiasmo: “*Se sois o que deveis ser, incendiareis o mundo inteiro!*”.

Gostaria de terminar esta reflexão, voltando-me para a Virgem Maria, Mãe da Companhia. Peço-lhe para acompanhá-las neste caminho de revigoramento vocacional, para estimular e renovar o seu amor e o seu dom a Nosso Senhor, para viver com alegria e paixão o serviço de Cristo nos pobres, em comunhão com suas Irmãs.

Minhas Irmãs, partam em nome de Nosso Senhor. Partam ao encontro dos outros, levem até eles o fogo da fé, a alegria da esperança, a doçura do amor de Deus-Pai que foi difundido em seus corações, pelo Espírito Santo que lhes foi dado<sup>41</sup>.

Irmã Evelyne Franc  
*Filha da Caridade*

Notas:

<sup>1</sup> Mc 6, 31.

<sup>2</sup> Cf. C. 8b.

<sup>3</sup> Cf. 2 Co 4, 7.

<sup>4</sup> Cf. Lc 5, 4.

<sup>5</sup> Cf. Lc 5, 11.

<sup>6</sup> Cf. São Vicente de Paulo, conferência de 5 de julho de 1640; Coste IX, p. 14

<sup>7</sup> Rm 8, 35.

<sup>8</sup> Is 7, 9.

<sup>9</sup> Santa Luísa de Marillac, Escritos E.60 (A.71), pág. 891

<sup>10</sup> São Vicente de Paulo conf. de 18 de agosto de 1647, pág. 219

<sup>11</sup> Cf. Lc 5, 5.

<sup>12</sup> Santa Luísa de Marillac, Escritos, C. 316 (L. 276) pág. 357

<sup>13</sup> Rm 12, 2.

<sup>14</sup> Santa Luísa de Marillac, Escritos, C.140 (L. 344) pág. 162

<sup>15</sup> Cf. 1 Ts 5, 21.

<sup>16</sup> D.I.A, 2009-2015, pág. 20.

<sup>17</sup> Estatuto 4.

<sup>18</sup> Cf. Catecismo da Igreja Católica, 1716-1717.

<sup>19</sup> Cf. Santa Luísa de Marillac, Escritos, A. 54, p. 723.

<sup>20</sup> São Vicente de Paulo, conf. de 9 de fevereiro de 1653, pág. 391

<sup>21</sup> Cf. C. 16b

<sup>22</sup> Bento XVI, Porta Fidei, n. 14.

<sup>23</sup> Cf. C. 10a.

<sup>24</sup> Cf. C. 10, C. 24.

<sup>25</sup> C. 29a.

<sup>26</sup> Cf. C. 30a.

<sup>27</sup> São Vicente, Conf, de 20 de agosto de 1656, pág. 606

<sup>28</sup> C. 31a.

- <sup>29</sup> São Vicente, conf, de 23 de Maio de 1655, pág. 515  
<sup>30</sup> Papa Francisco, homilia de 24 de Março de 2013.  
<sup>31</sup> Cf. Bento XVI, Porta Fidei, 7.  
<sup>32</sup> Bento XVI, Angelus de 2 de dezembro de 2007.  
<sup>33</sup> 1 Ts 4,13.  
<sup>34</sup> C. 59.  
<sup>35</sup> Cf. João Paulo II, Mensagem para o 30º dia mundial de oração pelas vocações.  
<sup>36</sup> Cf. D.I.A 2009-2015, pág. 15.  
<sup>37</sup> Cf. São Vicente de Paulo, Coste XI, p. 31.  
<sup>38</sup> São Vicente de Paulo, conf. de julho de 1642, pág. 50  
<sup>39</sup> São Vicente, conf. de 25 de maio de 1654, pág. 415  
<sup>40</sup> Cf. Jo 15, 13.  
<sup>41</sup> Cf. Rm 5, 5.

## **IRMÃ ANNE PRÉVOST, FILHA DA CARIDADE**

### **A FÉ DE MARIA**

**No centro de nossa vida de Filha da Caridade**  
***“Como posso merecer que a Mãe do meu Senhor***  
***venha me visitar ?”***

## **INTRODUÇÃO**

Todas nós conhecemos bem a Virgem Maria e a amamos. Sabemos que ela nos acompanha diariamente em nosso caminho de fé. Todas nós olhamos de maneira particular para nossa Mãe do Céu, única Mãe da Companhia; e quanto a mim, vou partilhar com vocês, simplesmente, o modo como eu a vejo.

Os textos evangélicos mostram claramente fé de Maria, sua abertura e sua disponibilidade total a Deus, permitindo-lhe entregar-se plenamente. Esta fé de Maria alimentou a meditação dos nossos Fundadores. São Vicente e Santa Luísa detiveram-se particularmente em três mistérios: a Imaculada Conceição, Anunciação e a Visitação. Estes mistérios se articulam entre eles e são a porta de entrada do mistério da Encarnação. Padre Chenu, grande teólogo dominicano, diz que: *“uma boa teologia marial é o teste de uma boa teologia da Igreja, porque ela revela a profunda lei da Encarnação”*.

Hoje, vamos dedicar tempo para revisitar estes três mistérios para ver como se relacionam com nossa vocação de Filha da Caridade e a que, diariamente, eles nos convidam a viver. Não direi nada de novo, nada que vocês já não saibam, vou simplesmente tentar colocar palavras, e estas palavras vão ressoar em cada uma, de uma maneira ou de outra, segundo a sua experiência pessoal.

Antes de começar, apresento-lhes um prólogo: estudaremos Maria, não por si mesma, mas porque ela está totalmente envolvida na obra de salvação. O centro da Revelação Cristã é Cristo, Homem e Deus. Jesus está no centro por onde cruzam o caminho de Deus e o caminho dos homens. E todos os outros mistérios cristãos estão relacionados a este dom que Deus fez aos homens. O Verbo de Deus se fez carne de nossa carne, fez-se nosso companheiro de caminhada para nos permitir entrar em comunhão com o Pai. Deus não fingiu ser “um de nós”: concebido no seio de uma mulher, Ele se fez criança e cresceu entre os seus contemporâneos.

Maria prende a nossa atenção devido o seu envolvimento na oferta que Deus fez de sua vida na pessoa de Jesus Cristo. Às vezes, nos perguntamos se Maria é um ser excepcional em nossa humanidade, nos perguntamos se ela está acima da Igreja ou abaixo de Cristo.

Mãe da Igreja, Maria não está nem acima, nem abaixo, ela está no interior, como a mãe está **em uma** Família. Quando falamos de uma mãe, não pensamos em dizer que ela está no exterior da família, mas pelo contrário, ela está no centro da família. Portanto, Maria não está na periferia do mistério, não está em um nível intermediário, ela se encontra **no centro do mistério do Cristo e da Igreja**, ela é a primeira criatura a se beneficiar da Ressurreição (que precede a própria existência de Maria).

Maria é uma mulher “**de nossa casa**”, verdadeiramente mais humana que nós; pois, infelizmente, em razão do nosso pecado, renegamos nossa condição de criatura. De fato, somente quando nos abrimos a Deus e aos outros, quando não ficamos fechados a nós mesmos é que somos humanos de verdade. Para Maria, todo seu pensamento, sua vontade, sua ação são formados pela graça: ela fala com as palavras de Deus, ela pensa com os pensamentos de Deus, ela é a morada de Deus.

## 1 - A IMACULADA CONCEIÇÃO

Maria Imaculada, elevada ao céu, é a *porta de entrada* da graça, a *porta de entrada* pela qual Deus pode doar-se, sem encontrar nenhum obstáculo. O mistério da graça de Deus em Maria desde a sua concepção, está estreitamente relacionado com o mistério da Encarnação. A Conceição Imaculada de Maria está na ordem da Conceição virginal do Filho de Deus. O dia 8 de dezembro só tem sentido em vista do 25 de março e do Natal.

## 2 - A ANUNCIAÇÃO

Neste episódio da Anunciação, Jesus não está visível, mas está misteriosamente presente no encontro do Anjo com a Virgem Maria. No final do diálogo, Jesus está concretamente presente no coração e no corpo de Maria. A presença misteriosa de Jesus se tornou presença real.

## 3 - A VISITAÇÃO

O relato da Visitação é o encontro familiar e alegre entre duas mulheres que se conhecem, mas este encontro de Maria e Isabel manifesta um outro: o de Jesus com João Batista. Isabel nos mostra que, na verdade, o que realmente acontece é o encontro entre a terra e o Céu.

### Conclusão

“*Primeira cristã*” (C.15a), “*Mestra de vida espiritual*” (C.23), “*Porta da Fé*”, Maria nos introduz, não através de palavras, mas através de sua própria vida :

- a doar-nos totalmente a Deus;
- a viver nossas relações fraternas no cotidiano, a exemplo da Anunciação.
- a viver nosso serviço aos pobres, como na Visitação, pois o mistério mariano é também nosso mistério. A seu exemplo somos chamados a nos tornar, a “*mãe de Cristo*” para doá-Lo aos pobres.

## **I - A IMACULADA CONCEIÇÃO: Maria, totalmente aberta ao Espírito, totalmente doada a Deus (cf. C.15b)**

**“A exemplo de Maria Imaculada, as Filhas da Caridade se doam inteiramente a Deus”**

### INTRODUÇÃO

A Imaculada Conceição é uma realidade admirável , não uma realidade abstrata, mas a mais concreta realidade existente. Se a Igreja proclamou este dogma em 1954, não é para acrescentar mais uma pérola na coroa de Maria, que já possui muitas, mas para que a Imaculada Conceição nos conduza **ao centro do misté-**

**rio da Salvação.** O dogma não é apenas uma fórmula, é uma luz que expressa o dom de Deus em **Jesus**, a dignidade de **Maria e a nossa**. Por isso, precisamos passar da literalidade das palavras para a espiritualidade que o texto indica. É exatamente isto que vamos tentar fazer.

## A CENA EVANGÉLICA

### 1 - “CHEIA DE GRAÇA”

O nome que Santa Ana e São Joaquim escolheram para a sua filhinha, foi **Maria**. Era o nome utilizado em suas relações, com seus amigos, com José e com as pessoas em Nazaré... *é a sua identidade de acordo com o estado civil*. Quando Maria era criança ou adolescente, ela não se diferenciava de seus amigos, exceto, talvez, por uma chama em seus olhos. Nela tudo era simples, de uma simplicidade de plenitude e não de carência.

No dia da Anunciação, o Anjo Gabriel não a saúda pelo seu nome de costume, mas lhe dá um nome novo. O nome que Deus lhe dá é: “**Cheia de graça**”. *Esta é a sua identidade no Reino de Deus*. Desde o primeiro instante de sua concepção, secretamente, Deus preencheu o coração desta jovem para torná-la apta a realizar perfeitamente sua vocação de Mãe de Deus: preparação misteriosa, invisível, que não se pode distinguir em qualquer olhar humano. A graça agiu em todos os níveis de sua personalidade: ela é plena de todas as graças de Deus, porque está totalmente entregue, totalmente disponível sem a mínima reserva. Este nome expressa uma maneira de ser, uma missão, uma vocação: seu ser é totalmente graça, nela só existe Deus.

Maria não escolheu sua identidade, não escolheu seu ser profundo, foi Deus quem lho deu. A Imaculada Conceição permite conhecer melhor o Coração de Deus, cujo único desejo é estabelecer eternamente sua morada em nossos corações. “Mas, como isto pode acontecer?”

O mistério da Imaculada Conceição revela **uma tríplice graça**:

- O dom de Deus foi acolhido por uma criatura,
- O dom de Deus vai até o Perdão para fazer uma nova criação,
- O dom de Deus torna a vida fecunda.

#### 1 - O DOM DE DEUS É ACOLHIDO POR UMA CRIATURA

\* A Imaculada Conceição revela, primeiro que, Deus se entrega gratuitamente; Ele se doa eternamente. Da parte de Deus, tudo é dom, existe apenas a graça sempre ofertada. Ele toma a iniciativa e no caso de Maria, isto é particularmente evidente. O privilégio da Imaculada Conceição não vem de Maria, mas de Deus. Tudo o que Maria é, vem de Deus. Tudo o que ela é, é por graça de Deus.

\* A Imaculada Conceição expressa também este pleno acolhimento do dom de Deus, pois, se Deus se entrega a cada ser humano, Ele só pode fazê-lo mediante a liberdade. A graça não é dada em um vazio, exige-se também da parte da criatura o acolhimento do dom de Deus. Em Maria, existem os dois lados: “Deus que se doa” e a “criatura que diz sim” a Deus.

#### 2 - O DOM DE DEUS VAI ATÉ O PERDÃO PARA REALIZAR UMA NOVA CRIAÇÃO

\* A Imaculada Conceição revela que Deus se doa incessantemente, mesmo quando é recusado. Deus se entrega a sua criatura, sem se desanimar diante das recusas. O dom de Deus, então, se faz Perdão, e seu Perdão não é simplesmente uma espécie de reparação, mas é uma nova criação.

\* A Imaculada Conceição é o primeiro fruto do Perdão que precede a própria existência de Maria, que não é uma exceção à universalidade da Salvação. Santa Teresa tinha compreendido este mistério quando ousou comparar-se à Maria Madalena, da qual Jesus tinha expulsado sete demônios: “*simplesmente*, dizia ela, *fui perdoada antes*”. Maria é a primeira criatura restabelecida na graça; ela é a primeira e a perfeitamente

salva; é a nova criação resgatada da fonte da Cruz; ela atesta a vitória do Amor crucificado, o poder da morte e da ressurreição do Cristo: “O sangue de Cristo a resgatada, mas ela é sua fonte” (Hino do ofício das leituras de 8 de dezembro, versão francesa). A Imaculada Conceição é incompreensível sem o mistério da Cruz. Maria nos convida a entrar nesta dinâmica do perdão e a deixar que sejamos reconciliados e recriados por Deus.

### 3 - O DOM DE DEUS TORNA A VIDA FECUNDA

\* A Imaculada Conceição revela também que Deus entrega e partilha tudo, não somente seu Filho, mas também sua paternidade. Deus dá a vida e a torna fecunda. A graça é dada para ser sempre comunicada aos outros; ela nunca está na ordem da possessão e da monopolização. Todo privilégio existente em Deus é para ser partilhado.

\* A Imaculada Conceição, portanto, não é uma “propriedade privada”, Maria não recebe a graça da maternidade divina somente para ela. Ela a recebe para comunicá-la. A Imaculada recebe tudo de Deus, *ela dá tudo o que Deus lhe deu, ou seja, ela dá o próprio “Deus”*. Acolher a vida de Deus implica deixar transparecer sua Presença de amor e acender o fogo da caridade.

### A GRAÇA E O PECADO

Com Maria Imaculada, compreendemos que a **graça é mais original que o pecado**. Por mais grave que seja o pecado, ele é apenas um acidente de percurso na história; ele provoca em Deus a realização de uma maravilha ainda maior que a invenção do mundo: uma nova criação, onde o próprio Deus é a pedra angular. O mistério do Perdão de Deus faz descobrir quanto o Amor é misericordioso e inventivo, capaz de encontrar caminhos para chegar a este mundo que o rejeita.

Se não existisse a Imaculada Conceição, Deus não poderia ter-se ofertado ao mundo. Não que Ele precisasse absolutamente de Maria, mas o Amor requer um acordo, um acolhimento, uma resposta: o Amor não se impõe, ele não pode se contentar com uma meia possibilidade. É preciso um coração inteiramente livre que não se fecha ao dom de Deus, como fizeram nossos primeiros pais, Adão e Eva. Deus encontrou uma criatura que acolheu inteiramente sua graça e se deixou ajustar permanentemente ao dom que lhe foi feito. A partir deste momento, o mundo está aberto, a graça pode percorrer seu caminho.

No centro de um mundo pecador, o mistério da Imaculada Conceição permite compreender que nada, nem mesmo o pecado interrompe o dom de Deus, porque ele se entrega totalmente até fazer-se Perdão. Portanto, o pecado é somente um acidente de percurso, ele não tem nem a primeira, nem a última palavra aqui na terra. **A primeira e a última palavra, aqui na terra, é a graça acolhida por uma criatura.**

A Imaculada Conceição ajuda a ampliar nosso olhar sobre o pecado, a pensar **o pecado a partir do perdão** e não o perdão a partir do pecado. Façamos uma comparação: quando contemplamos uma cascata na montanha, não vamos somente vê-la como um meio para lavar nossa roupa suja. É claro que, se colocarmos nossa roupa suja na cascata vamos conseguir limpá-la, porém, a cascata não foi feita para isso. A cascata se oferece gratuitamente, a água corre gratuitamente, e não para jamais! Esta imagem nos fala da graça de Deus que se doa. O dom de Deus vai até o Perdão, nada o detém, nem mesmo o nosso pecado, nem as faltas originais ou atuais. O perdão é eterno.

No âmago deste Perdão sempre ofertado, a Imaculada Conceição nos faz compreender que a graça é natural. O pecado é uma ruptura deste amor e não há uma existência autônoma. Infelizmente, o pecado existe como um parasita. A trepadeira necessita da árvore, a árvore não precisa da trepadeira, a cárie precisa do dente, mas o dente não precisa da cárie. Não invertamos as coisas do que é natural, a graça é sobrenatural. Logo, a **Imaculada Conceição não é uma exceção; de acordo com Deus, ela é a regra da existência; somos nós a exceção**. Somos nós que não nos deixamos conduzir ou não permitimos que o desígnio de Deus se realize por nosso intermédio. A verdade não é mensurada pela quantidade, mas pela profundidade. A Ima-

culada Conceição é a verdadeira profundidade de nossa humanidade; é isto que somos e seremos eternamente, porque Deus nos ama.

Certamente isto não quer dizer que devemos relativizar a gravidade do pecado, pois, no plano de amor, o pecado é grave; no amor, não existe pecado venial. Pecado significa colocar-se no centro do mundo, é querer ser sua própria regra, sua origem e seu fim. A Imaculada Conceição nos convida a sempre mergulhar nossas raízes no Perdão de Deus, que nos renova.

### **A DIGNIDADE DE TODO HOMEM**

Se Maria é Imaculada, não é para que a admiremos, mas para que compreendamos que ela é a vocação da Igreja, a vocação de todo cristão, de todo homem. Nossa origem está em Deus e somos chamadas a nos tornarmos “seres da graça” em Jesus Cristo, “*santos e imaculados no amor*” (Ef.1, 4). Deus realizou seu projeto de amor no seio de Maria e quer realizá-lo também em nós.

O mistério da Imaculada Conceição revela a grandeza de nossa vida e a dignidade de todo homem. Crer no Deus de Jesus Cristo é crer no homem. O mais difícil não é acreditar em Deus, mas crer que Deus acredita no homem, que Ele age em nós e nos outros, inclusive neste mundo pecador. Crer em Deus é crer em cada homem, crer que Deus se doa a cada um e que cada um é capaz de acolhê-Lo e de doá-Lo aos outros. No final do Concílio, Paulo VI disse: “*Nós, mais do que ninguém, cultuamos o homem!* Foi o que João Paulo II sempre repetiu ao longo do seu pontificado.

### **AS FILHAS DA CARIDADE DOAM-SE INTEIRAMENTE A DEUS (C 1. 4 e C. 16a).**

Os Fundadores nos convidam a *contemplar a Imaculada, totalmente aberta ao Espírito* (C. 15b, §1), pois em Maria Imaculada, descobrimos quem somos. O privilégio da Imaculada é o nosso!

### **TORNAR-SE “IMACULADAS”**

Devemos compreender que Deus realiza tudo em nossa vida e, por isso, devemos fazer de tudo para acolher o que Deus nos oferece. Quando a C. 7 diz que as Filhas da Caridade “*doam-se inteiramente a Deus*”, devemos compreender o que isto significa, pois nossa linguagem é muito limitada. O mistério da Imaculada Conceição nos dá o significado: em Maria, existem ao mesmo tempo “Deus que se doa” e “o sim de seu coração”.

Doar-se a Deus significa: “*acolher o Deus que se doa a nós*”. Não podemos doar-nos a Deus, mas podemos abrir-nos ao seu Amor que se doa, que nos perdoa e nos diviniza. Trata-se de “*nos colocarmos à disposição, com todo ímpeto do nosso coração, para receber Deus que se doa a nós*”. Deus precisa do nosso “sim” Ele não se doa sem a nossa participação, sem o nosso consentimento. Nós recebemos o Amor quando nos doamos e na medida em que nos doamos. É isto que expressa a C.8: “*A regra das Filhas da Caridade é Cristo*”: nossa regra de vida é acolher o Cristo em nosso coração e colocá-Lo no centro de nossa existência, como o fez Maria Imaculada.

### **“HOJE, PRECISO FICAR EM TUA CASA” (Lc 19, 5)**

É evidente que não somos a Imaculada Conceição, somos apenas miseráveis, lamentáveis e pobres pecadoras. Mas, para sua Encarnação Redentora, Jesus não veio a terra fazer um remendo em um organismo de péssimo estado, Ele veio tomar posse do nosso interior, renová-lo e recriá-lo.

Se percorrermos as páginas do Evangelho de São Lucas, perceberemos que a graça de Deus não é reservada aos seres excepcionais. No capítulo 19 de São Lucas, a passagem sobre Zaqueu mostra bem que, esta graça que foi dada a Maria, é dada a todos nós. O episódio do encontro de Jesus com Zaqueu mostra o desejo de Deus de se doar e de permanecer em nosso coração. Zaqueu é um grande pecador, como cada uma de nós, muito longe de ser imaculado tanto em sua concepção como em sua profissão. No entanto, Jesus lhe diz a

mesma palavra que o Anjo Gabriel disse à Maria puríssima: **“Hoje, preciso ficar em tua casa”**, em outras palavras: **“O Senhor está contigo”**... As expressões têm o mesmo significado!

Depois, Jesus aguarda a resposta de Zaqueu, pois o Amor nunca se impõe. Zaqueu fica profundamente tocado por esta palavra de amor, e a consequência disso, nós já conhecemos: ele se torna um “ser da graça”. De agora em diante, concretamente em sua vida, ele vai agir da maneira de Deus: **“Senhor, vou dar a metade dos meus bens aos pobres e, se eu tiver defraudado alguém, restituirei o quádruplo”**.

Assim, a Salvação não consiste somente na purificação dos nossos pecados. Ela é este perdão que vem recriar o interior do nosso ser pecador. Evidentemente, que existe também o mistério da nossa resposta, mas se acolhemos a Deus, sua Palavra de amor é sempre criadora. Ele cumpre sempre o que diz. Da mesma maneira que sua Palavra se fez Carne em Maria e que se realizou com Zaqueu, o reino de Deus se realiza dentro de nós. Nós que não éramos amados, nem desejados, diante de Deus nos tornamos pessoas amadas e amáveis, pessoas desejadas e queridas.

### **“RENASCER DA ÁGUA E DO ESPÍRITO” (Jo 3, 5)**

Não basta escutar a Palavra de Deus, acolhê-la no fundo do coração, ´é preciso também comprometer-se a vivê-la. Após a passagem das Bodas de Caná, Jesus explica a Nicodemos a necessidade de renascer do Espírito. Desde o pecado original, nossa vida é toda fechada em si mesma, calculista e cheia de desconfiança! O Espírito, ao contrário, está num movimento de total abertura: abertura do Pai para o Filho, do Filho para com o Pai, é uma circulação de vida e de amor. É esta vida que devemos acolher; é para esta vida ofertada que devemos renascer, ou seja, devemos lutar contra o nosso “eu”, nosso egoísmo, nosso amor-próprio, devemos fazer esta longa viagem que parte de nós e vai até Deus. **“Depender do Espírito Santo é deixá-lo criar em nós a semelhança com o Cristo manso e humilde de coração. Este espírito evangélico, segundo São Vicente, deve animar a Companhia”** (C. 18).

Maria está aqui, conosco, para nos ajudar a renascer do Espírito: **“Fazei tudo o que Ele vos disser”**. Sua função é ensinar-nos a nascer para a vida divina, pois ainda não nascemos verdadeiramente, ainda não chegamos a nossa concepção imaculada (pois, no céu existirão apenas imaculados). Maria nos ensina a dar o primeiro lugar a Deus, em nossa vida, a nos deixarmos transformar por seu pensamento, sua maneira de ver e de agir; ela nos ensina a renascer do alto. Aqui está toda a nossa vida de fé, nosso caminho de vida humana: aprender, pouco a pouco, a nos deixar cativar por esta vida divina que será nossa eternamente e que é a vida de um filho de Deus.

Maria Imaculada nos ensina a amar o cotidiano e renascer para a vida divina na realidade concreta de nossos dias. Para ela, **“olhar para o alto em direção ao Pai”**, Fonte de toda graça, **“renascer do Espírito”** não significa buscar uma vida diferente, celeste, impalpável, mística, nem repelir as eventualidades materiais de nossa vida cotidiana. Deus uniu-se à nossa humanidade e é nesta terra que devemos buscá-Lo. Não encontraremos Deus em outro lugar senão em nossa vida diária. O dom de Deus não cai de paraquedas sobre nós, precisamos acolhê-Lo em nossa vida tal como ele é. As Filhas da Caridade se admiram **“que um Deus não possa ou não queira, de certo modo, separar-se do homem”** (c. 17b). É a isto que devemos converter-nos: olhar nossa vida diariamente, nossa comunidade, nosso serviço, nosso local de trabalho, o fogão na cozinha ou a pia de lavar louça, e reconhecer que é ali que Deus se encontra. Em nossa vida cotidiana, tudo é graça e a Imaculada Conceição é testemunha disso.

### **CONCLUSÃO**

A Conceição Imaculada de Maria é uma verdade essencial à nossa vocação, ela nos lembra do primado da graça e da necessidade de nos abirmos sem reservas para Deus: **“Basta-te minha graça”** (2 Cor 12, 9). O **Espírito de humildade** permite que nos tornemos **“seres da graça”**, verdadeiras **“adoradoras do Pai”**(cf C. 8), bebendo da fonte do Amor para nos tornarmos, para os pobres (cf. C. 16a) uma fonte de onde **“manarão rios de água viva”** (Jo 7, 38).

## II – A ANUNCIAÇÃO: Maria, Serva dos Desígnios de Amor do Pai (cf. C. 15b)

*“Em Comunidade para viver com Deus e realizar sua Vontade”*

### A CENA EVANGÉLICA

O Evangelho da Anunciação é muito denso e inesgotável. Ele nos é familiar, nós o conhecemos muito bem. Ele nos lembra de inúmeros temas de uma grande riqueza que jamais deixaremos de aprofundar. Ele é relativamente longo e sua extensão permite compreender que se trata, primeiramente, de um diálogo entre o Anjo e Maria. No anúncio feito a Zacarias, o encontro com o anjo Gabriel fez com que Zacarias ficasse mudo. Na Anunciação, o encontro do Anjo Gabriel com Maria provoca um motivado diálogo, que coloca em movimento a jovem de Nazaré. Ao longo desta conversa, Maria se deixa transformar e, no final, ela se torna esta jovem mulher que se entrega inteiramente a Deus e confia em sua promessa.

Olhemos com mais atenção o desenvolvimento deste colóquio, pois o Anjo Gabriel nos revela a maneira de agir e de falar de Deus. Com Ele, podemos aprender como nos comunicar melhor com as Irmãs de nossa Comunidade.

#### 1 - A MANEIRA COMO DEUS SE EXPRESSA (v. 28-29)

Quando o Anjo se aproximou de Maria, **ele a saúda, inclinando-se diante dela**. Surpresa diante do inesperado, Maria se deixa encontrar, porém, este movimento de rebaixamento do Anjo que expressa o mistério de Deus a surpreende. Assim, o “Altíssimo”, o “infinitamente grande” se inclina respeitosamente diante de sua criatura, como um Servo. Na realidade, inclinar-se diante da grandeza de outra criatura, é sinal de lealdade e de delicadeza, mas quando um ser maior se ajoelha respeitosamente diante de um ser menor, isto revela uma profunda humildade.

Depois, o Anjo aborda Maria como uma pessoa que *“tem a graça de Deus”*, e lhe dirige **palavras ternas e amáveis de saudação**: *“Alegra-te, cheia de graça, o Senhor está contigo”*. O Anjo lhe garante que o próprio Deus está com Ela.

O infinito respeito do Anjo e suas maravilhosas palavras de bênção perturbam profundamente Maria. O Anjo observa os sentimentos interiores de Maria que se questiona sobre o significado desta saudação. Ela quer compreender esta situação e esclarecê-la.

O Anjo **respeita a emoção** de Maria, ele reformula seus sentimentos e a tranquiliza com um tom calmo: *“Não temas, Maria, pois encontraste graça diante de Deus”*, porque Deus olhou para ti com amor.

**Num silêncio caloroso**, ele aguarda que Maria reencontre a paz interior para continuar o diálogo; sua paciência e seu amor tocam o coração de Maria. Ela se sente novamente confiante e mais à vontade; ela pode discernir a presença amorosa de Deus que a tranquiliza interiormente.

#### 2 - UM DIÁLOGO EVANGÉLICO AUTÊNTICO (v. 30-34)

Novas palavras inesperadas são pronunciadas pelo Anjo: *“Eis que conceberás e darás à Luz um filho, e lhe porás o nome de Jesus”*. Mais uma vez, ele dá à Maria o tempo necessário para que essas palavras ressoem em seu coração; ele não a pressiona para que ela compreenda mais rapidamente, não se impõe, não grita, não se afirma nem pela força, nem pela sedução, ao contrário, respeitando a liberdade de Maria, ele caminha humildemente no seu ritmo, permite-lhe ser ela mesma e espera pacientemente sua reação.

Através desta atitude delicada do Anjo, Maria compreende que ela é realmente amada, então, ela se torna capaz de receber em seu coração estas palavras surpreendentes e de refleti-las interiormente: ela queria compreendê-las bem e saber como esta promessa poderia tornar-se realidade.



Com toda liberdade, ela toma a palavra e pede ao Anjo para ser mais preciso sobre o que ele quer dizer, para explicar-lhe de maneira mais exata o sentido de suas palavras: “*Como se fará isto?*”. Esta interrogação mostra o interesse que Maria tem sobre o que o Anjo acabara de dizer, é também um convite a complementar a informação. Maria quer saber a relação que existe entre seu projeto de vida, sua situação e o Desígnio de amor do Pai. Pode-se dizer que ela está em estado de discernimento.

O Anjo não está surpreso com o questionamento de Maria, ele está disposto a dar as explicações necessárias, referentes ao anúncio deste nascimento virginal e esclarece o conteúdo espiritual deste grande mistério: “*O Espírito Santo descera sobre ti... Por isso o ente santo que nascerá de ti será chamado Filho de Deus. Também Isabel, tua parenta, concebeu um filho na sua velhice... pois para Deus nada é impossível*”.

### 3 - A ESCUTA DISPONÍVEL DE MARIA (v. 38)

O Anjo pôde esclarecer a situação porque Maria não o interrompe. Este é o sinal da grande capacidade que Maria tem de escutar: nela não existe nenhuma presunção, nenhuma tentativa de situar-se acima de seu interlocutor ou de se colocar no centro da discussão.

Maria acolhe com disponibilidade esta informação que a convida a uma inversão radical de perspectiva e a deixar suas referências familiares. Através do anúncio do Anjo, Maria compreende que Deus se dirige a ela para receber a hospitalidade de seu coração e lhe oferecer sua vida. Para que Jesus seja no mundo o “Príncipe da Paz”, necessita apenas de um “sim” de amor.

Maria se proclama “*a Serva do Senhor*”. Expressando-se, simplesmente, desta maneira, ela se define em relação ao Senhor e reconhece que Deus é o centro de sua vida, então, seu desejo consiste em querer somente a Vontade de Deus: “*Faça-se em mim, segundo a sua palavra*”. Toda entregue sem a mínima reserva, Maria se abandona em Deus e se compromete livremente com o que ela é; se compromete com sua Palavra na mais completa obediência. Habitada por uma inteira confiança, acolhe o desconhecido e o imprevisto de Deus do qual ela não tem o domínio e aceita não saber até onde tudo isto vai conduzi-la.

### UMA COMUNIDADE DE “SERVAS DOS DESÍGNIOS DE AMOR DO PAI”

Nossos Fundadores nos convidam a entrar no esplendor de Maria para aprender a viver no dia-a-dia nossas relações fraternas, a exemplo da Anunciação. Embora esse encontro com o Anjo tenha sido um momento extraordinário, ele aconteceu de maneira comum e desconcertante: Maria está “em casa”, o Anjo Gabriel se apresenta diante dela e começa o diálogo que a introduz no mundo de Deus.

Esta conversa entre o Anjo e Maria destaca alguns pontos importantes para nossa vida de Filha da Caridade e nos encaminha para nos tornarmos “servas do Projeto de Amor do Pai”, a exemplo de Maria.

#### 1 - EXPRESSAR A PAZ DE DEUS

Em primeiro lugar, o Anjo Gabriel nos revela a maneira de ser que Deus nos pede ter em relação aos outros, para oferecer-lhes seu amor: uma atitude humilde e respeitosa. É a humildade do nosso olhar e o nosso ocultamento que testemunha aos outros nossa estima; isto se diz sem palavras, é uma maneira de ser.

O Anjo Gabriel nos lembra também a missão de **dizer** aos outros, da parte de Deus, **palavras alegres e de bondade** para criar um clima de confiança e de paz.

A palavra do Anjo, que se faz carne no ventre de Maria, nos envia constantemente ao mistério das palavras que pronunciamos. Não nos esqueçamos de que todos os dias, em nossas comunidades, nos comunicamos umas com as outras e de que as palavras que pronunciamos produzem sempre um efeito sobre nossas Irmãs: seja constringendo-as ou ferindo-as, seja curando-as ou criando nelas um sentimento de alegria.

A maneira como falamos e as palavras que utilizamos têm uma importância determinante. O mistério da Anunciação nos convida a pronunciar as palavras de maneira mais consciente e mais prudente, para que elas possam animar e encher de alegria o coração de nossas Irmãs e que sejam para elas autênticas “Palavras de Deus”.

O convite de Jesus “*Em toda casa em que entrardes, dizei primeiro: ‘Paz a esta casa’*” (Lc 10, 5), resume este primeiro ponto. Não somos apenas boas profissionais a serviço dos pobres, primeiramente, somos Irmãs, chamadas a ter um coração repleto da Paz de Deus para comunicá-la às nossas Irmãs. Somos encarregadas de falar-lhes da parte de Deus e de permitir que elas encontrem Deus em suas vidas, esta é a nossa maneira de colaborar com a Salvação de Deus e de sermos as “servas do seu desígnio de amor”.

## 2 - DIALOGAR PARA JUNTAS DISCERNIR A VONTADE DE DEUS

O Anjo Gabriel nos indica **a maneira de dialogar** com os outros: trata-se de nos expressarmos propondo uma palavra, sem impor, nem obrigar os outros a aceitá-la. Nossa sociedade atual nos acostuma a uma mentalidade que visa condicionar ou manipular o outro e corremos o risco de nos deixarmos conduzir por este subterfúgio que falsifica o diálogo, buscando impor nosso ponto de vista ou questionando para obter a resposta que desejamos ouvir. Contrário a esta mentalidade, o Anjo nos engaja a nos convertermos à maneira de falar de Deus. A contemplação deste mistério da Anunciação jamais se esgotará, pois com ele aprendemos a dialogar, particularmente, nas coisas mais comuns da existência. Ficamos tão agarradas aos nossos pontos de vistas, nossos costumes, nossos conhecimentos, nos prendemos tanto a eles que fica muito difícil receber o que o outro tem para nos oferecer. Normalmente, esperamos que o outro nos dê razão.

Se olharmos para Maria, descobrimos outra coisa: ela nos faz compreender que a **escuta** é como uma hospitalidade interior, pois, ela não apenas não se colocou no centro da discussão, como também, aceitou deixar-se perturbar pela palavra do Anjo, considerando-o como mais importante do que ela. Com Maria, descobrimos que o diálogo com nossas Irmãs só é possível se nós as amarmos, se nós as considerarmos como mais importantes do que nós, se aceitarmos que elas podem ter razão, ou que pelo menos, possam ter razões válidas para acreditar no que acreditam, para dizer o que dizem, de enxergar de maneira diferente da nossa. Isto significa simplesmente reconhecer que elas têm o direito de serem outras, ou seja, elas mesmas, e não como eu.

Enfim, esta conversa entre Maria e o Anjo mostra ainda como uma discussão pode ser bem sucedida: trata-se **de questionamentos e de respostas que se partilham até que cada um compreenda o outro** e que, de repente, nasça algo novo, algo maior. Maria foi consultada como uma pessoa livre, ele não lhe disse: “Deveis fazer isto, sois obrigada, eu vos dou uma ordem”. A verdade só pode ser encontrada em conjunto, quando cada uma expressa às outras sua verdade para colocá-la em comum, “*caminhar juntas para o Senhor*” (C. 32b) e buscar a Vontade de Deus.

## 3 - SER SERVA DO PROJETO DO PAI É DAR LUGAR PARA DEUS

Finalmente, nesta passagem da Anunciação, observa-se o lugar central de Deus para quem tudo converge. A “*Serva do Senhor*” nos convida a dar lugar para Deus em todos os domínios de nossa existência: nossos pensamentos, nossas palavras, nossos atos, nossas pequenas decisões a tomar, nossas dificuldades. Com frequência, devemos perguntar-nos sobre o lugar que damos a Deus na **nossa maneira de falar** e o **olhar com fé** que temos para as nossas Irmãs. Pois, quando nos conhecemos bem e temos o costume de nos falar, corremos o risco de nos fechar mutuamente em nossas aparências e dizer palavras que julgam sobre as mesmas aparências: “*é o filho do carpinteiro*”; nesses casos, não existem mais as condições necessárias para o diálogo.

Maria nos lembra da importância de viver na presença de Deus para:

- nos expressarmos “reta e simplesmente” pois, toda palavra deixa traços e pode ter um grande alcance;

- sermos capazes de reconhecer em nossas Irmãs “anjos” que o Senhor coloca em nossa vida, para nos introduzir, de alguma maneira, no Reino de Deus.

## CONCLUSÃO

Maria, a Serva dos desígnios de amor do Pai, nos revela esta outra verdade capital para nossa vocação: é o **Espírito de Simplicidade** que nos permite sermos “*servas do Senhor*” buscando unicamente a Vontade de Deus e esforçando-nos para realizá-la com um coração disponível e obediente.

## III - A VISITAÇÃO: “Mãe de Deus, Mãe de Misericórdia... Arca da Aliança”

### “O SERVIÇO DOS POBRES”

#### INTRODUÇÃO

A Visitação é uma cena muito simples: uma mulher que visita sua parente. O que pode haver de mais comum e corriqueiro? E, no entanto, este mistério é muito maior do que parece à primeira vista. São Lucas não nos diz que as duas primas estão se vendo pela primeira vez, isto supõe que elas já tenham se encontrado e que já se conheciam. Depois, o evangelista esclarece o lugar central de outro personagem: o Espírito Santo. Lucas partilha uma convicção profunda: O Espírito Santo é esta presença de Deus no meio de nós, que está a serviço do encontro.

#### A CENA EVANGÉLICA

Após a Anunciação, impulsionada pelo Espírito, Maria se coloca a caminho para encontrar-se com Isabel. O Evangelista apresenta Maria como um modelo de Caridade, como uma pessoa amorosa e concreta que não se contenta com belos sentimentos, pois a vida de Deus se revela nas relações humanas. Maria vai ajudar a sua prima idosa, mas também espera ver o sinal que confirmará as palavras do Anjo. Ela quer oferecer a Isabel sua ajuda, mas também desta receber; dois aspectos indispensáveis para estabelecer a reciprocidade necessária em toda relação verdadeira. O encontro destas duas mulheres é um reconhecimento mútuo que abre um futuro novo para cada uma.

#### 1 - A SAUDAÇÃO DE MARIA

Imaginemos Maria batendo na porta da casa de Zacarias. Maria saúda Isabel com muita delicadeza e autenticidade, da mesma maneira como recebeu a saudação de Deus pela boca do Anjo Gabriel. Maria traz consigo a vida de Deus e no fundo de seu coração, esta presença dá a devida importância à saudação. Maria está plena de graça e esta graça se reflete em seu rosto, seu sorriso, em seu olhar. Trazendo consigo “o Príncipe da Paz”, ela traz a paz de Deus para Isabel.

Não se trata mais, unicamente, de Maria de Nazaré. Se um soldado ao longo do caminho lhe tivesse pedido sua carteira de identidade, ele teria lido: “Nome: Maria; lugar de nascimento: Nazaré”. Porém, não se trata mais apenas de Maria, Deus está lá, em um pequeno embrião que vai saudar Isabel através da saudação de Maria. É Deus que visita o seu povo através da visita de Maria; é Deus que saúda o seu povo através da saudação de Maria.

#### 2 - A REAÇÃO DE ISABEL

No momento que Isabel abre a porta de sua casa e escuta a saudação de Maria, ela recebe a paz de Deus. Isto provoca nela um duplo efeito caritativo: seu coração está pleno do Espírito e João Batista estremece em seu seio: “*Ora, apenas Isabel ouviu a saudação de Maria, a criança estremeceu no seu seio*” (Lc 1, 41). Assim, graças à aproximação de Maria, o Espírito do qual João Batista devia se encher (cf. Lc 1, 15)

lhe é concedido. Logo, é através de Maria que Deus comunica seu Espírito a Isabel e à criança, que carrega no ventre.

Então, com o coração cheio da alegria do Espírito, Isabel percebe a beleza de Maria. Fascinada, ela pronuncia **palavras de bênção e de felicidade** em relação à Maria que, certamente, não as esperava: “*Bendita sois entre todas as mulheres e bendito é o fruto de vosso ventre*”. Estas palavras plenas de respeito e de delicadeza são também uma confirmação do que Maria está vivendo. É surpreendente constatar o grau de compreensão que Isabel obteve, a partir da saudação de Maria; porém, o brilho do seu olhar, sua bondade, seu sorriso, a delicadeza dos seus gestos, não seriam sinais que Maria resplandecia do Espírito? Isabel compreende que sua jovem prima não é mais a mesma, desde a última vez que a viu. Ela percebe o mistério de Maria, reconhece a ação de Deus em Maria e a acolhe como “*a mãe do meu Senhor*”. Ela não diz; “*como posso merecer que a minha prima venha me visitar?*” mas, ela diz: “*como posso merecer que a mãe do meu Senhor venha visitar-me?* Isto significa que ela acolhe Maria em referência a Deus e não em referência aos laços familiares que as une. Para Isabel, Maria é a nova “**Arca da Aliança**”; ela torna visível e concreta a presença de Deus; ela carrega consigo a vida de Deus. A exultação de Isabel nos faz pensar no rei David que dava saltos de alegria diante da arca da Aliança, presença de Deus no meio de seu povo.

Assim, o encontro entre Maria e Isabel é reconhecimento mútuo. As duas mulheres se tornam uma bênção para a outra: primeiro de Maria para Isabel e depois de Isabel para Maria, revelando-lhe o que estava escondido em seu coração e confirmando que sua maternidade era obra de Deus: “*Bem-aventurada aquela que acreditou na Salvação de Deus!*”. Através do seu olhar e dos seus gestos, Maria revelou a Isabel que ela acreditou.

## II – NOSSA VIDA DE SERVIÇO DOS POBRES

O que acontece entre Maria e Isabel não é algo de excepcional, que lhes seria reservado exclusivamente. Como em toda a Escritura, o que acontece com elas, diz respeito a nós. Nossos Fundadores nos pediram para entrar neste esplendor de Maria, para viver nosso serviço dos pobres no espírito da Visitação. A Visitação é a visita e o serviço por excelência. O encontro entre Maria e Isabel nos convida a olharmos com novos olhos o serviço que nos é confiado, para viver no dia-a-dia com os pobres. Como estamos realizando o serviço dos pobres? Não estamos com frequência na periferia de nós mesmos? O mistério da Visitação nos lembra de que nossa vida de Filha da Caridade é ir, em nome de Deus, ao encontro dos nossos irmãos e irmãs e entrar em comunhão com eles. A Visitação destaca que o fundamento de nossa vida de serviço se encontra no primado de Deus: ser serva significa dar lugar para Deus e tornar visível sua presença para entrar em uma comunhão, que pode ser silenciosa, mas onde o coração canta louvores.

### 1 - SERVIR OS POBRES “NO CRISTO”

Doamo-nos inteiramente a Deus para O servir na pessoa dos pobres, com o Espírito de Jesus Cristo.

Em cada Eucaristia, nós recebemos Jesus para levá-Lo aos pobres. É sua presença em nós que torna bela nossa saudação. Se formos habitados por sua Presença, cada uma de nossas visitas aos pobres são visitas feitas por Deus.

Como em Maria na Visitação, Jesus está escondido em nosso coração de maneira misteriosa e, com certeza podemos dizer que, através do nosso serviço Ele se faz presente, se encontra com os pobres, ama-os e se doa aos pobres. Mesmo se não pronunciamos o nome de Jesus, quando servimos os pobres, é Cristo que, os serve simplesmente por nossa atitude, se formos mansas, sorridentes e totalmente doadas. Com frequência, cremos que nosso serviço está relacionado às nossas capacidades, nossa inteligência, nossas habilidades, porém, estamos nos enganando, porque ele está relacionado ao nosso ser de Cristo. Somente a presença do Cristo em nós é que nos possibilita amar e servir os pobres com humildade e simplicidade. O mais belo presente que podemos dar aos pobres é permitir-lhes encontrar com o Cristo e ajudá-los a descobrir que são amados por Ele.

Devemos ter sempre consciência da importância de manter em nós a presença de Deus. Jesus nos deu Maria para que ela nos ensine a dar a Deus o espaço que lhe é devido e destruir em nós tudo o que não lhe pertence. Maria nos ensina como acolher a Deus para que Ele possa se doar através de nós e, assim, sermos “Arca da Aliança” para os pobres, pois, só podemos levar a paz de Cristo aos outros se a tivermos em nosso coração. Então, até mesmo o nosso serviço que, à primeira vista, não tem grandes resultados como o da Visitação, ainda assim, ele será sempre como uma Visitação. Nossa capacidade de servir os pobres com humildade, simplicidade e delicadeza expressa a nossa fé e revela o rosto do Deus em que acreditamos.

## 2 - SERVIR “O CRISTO” NOS POBRES

Como Maria que estava com pressa para reconhecer Deus agindo em sua irmã em humanidade, nós também nos unimos ao Cristo presente nos pobres e O servimos quando servimos aos pobres.

Servir os pobres, não é simplesmente prestar serviço, tendo no coração amor ao Cristo. Servir os pobres é também encontrar um irmão ou uma irmã em humanidade e reconhecer em cada um o Cristo: “*como posso merecer que a mãe do meu Senhor venha visitar-me?*” (Lc 1, 43). Esta palavra é válida para todos os nossos encontros: reconhecemos realmente os pobres pelo que eles são quando nos inclinamos respeitosamente diante deles e os olhamos como “*a mãe de nosso Senhor*”. É a graça que permite descobrir a grandeza e a dignidade dos pobres, de reconhecer a obra de Deus em seu coração e em sua vida, de discernir todo o bem que Deus realiza em cada um. Os pobres têm necessidade de escutar palavras plenas de doçura e de delicadeza e de receber uma confirmação do que eles vivem e do que eles carregam de bom em si: “o que fazeis é justo, o que trazeis convosco é verdadeiro...”

## CONCLUSÃO

Repetindo as palavras de Isabel: “*como posso merecer que a Mãe do meu Senhor venha visitar-me?*” damos graças a Deus, por nos ter dado Maria como Mãe e pedimos a esta Mãe de Misericórdia que nos conceda o **Espírito de Caridade**, para que possamos tornar-nos, a seu exemplo, “Arca da Aliança”, servas amorosas, próximas dos mais abandonados, incansáveis para lhes servir.

E se os pobres nos dizem algumas palavras de agradecimento, Maria nos ensina a responder pelo Magnificat. Após as palavras gentis de Isabel, Maria não lhe agradece, mas abre seu coração a Deus e a Ele dá graças. Sua oração se dilata, abraçando a universalidade da ação de Deus em relação à humanidade inteira. Esta é a dimensão vertical do serviço!

## PARA CONCLUIR ESTE PERCURSO

Mesmo se os Fundadores privilegiaram estes três mistérios (a Imaculada Conceição, a Anunciação e a Visitação), isto não significa que eles excluíssem os outros. Toda a vida de Maria é fonte de inspiração para nossa vida de Filha da Caridade, pois ao longo de toda a sua existência, ela foi a “totalmente doada a Deus”.

Para terminar, gostaria de dizer que é impressionante ver como, na Capela da Medalha da Imaculada, estes três mistérios de Maria são vividos de uma maneira muito particular. Pois, mesmo se não “vemos” a Virgem Imaculada, podemos ver os “testemunhos” atuais, os mensageiros da Imaculada que são os primeiros a serem reunidos por Deus e que trazem a gratuidade de seu Dom: estes são os pequeninos, os doentes, os pobres.

Como não ser agradecida a Santa Luísa por ter pedido a Companhia, para tomar Maria como “Única Mãe”? No eixo central da entrega de Deus e do acolhimento pela fé, Maria é nosso modelo que nos ensina a acolher a graça de Deus, a receber seu Espírito de humildade, de simplicidade e de caridade para que, através de nossa pessoa e do nosso serviço, seja o Senhor que ame os pobres.

Irmã Anne PRÉVOST  
*Filha da Caridade*

## IRMÃ ELISABETH CHARPY, FILHA DA CARIDADE

### O caminho de fé de Santa Luísa

Notas feitas a partir do registro de uma conferência Feita às Irmãs da Casa-Mãe. O estilo oral foi voluntariamente conservado.

Vamos falar sobre o longo caminho de fé que Santa Luísa percorreu durante quase sessenta anos. Vamos perceber que sua fé foi questionada pela vida que levou e pelos acontecimentos; foi uma vida atravessada por dúvidas, inquietações, mas também por alegrias e encantamentos. Vamos entrar na intimidade de Luísa que poderá servir-nos de modelo e de consolação, quando passarmos por dificuldades.

No texto “*A Porta da Fé*”, Bento XVI diz que o caminho da fé começa no batismo e termina na luz eterna de Deus. Esta afirmação retrata um pouco o caminho que Luísa de Marillac percorreu.

Luísa é consciente de que o batismo fez dela uma filha de Deus, como vemos em um de seus escritos: “*no dia do meu santo batismo, fui consagrada e dedicada a meu Deus para ser sua filha...*” (SL, E.4 (A.3) pág. 782). O batismo para ela é muito importante, ela tentará vivê-lo durante toda a sua vida. Ela abordará o tema do batismo em várias ocasiões, e como o sabemos, até mesmo o cabeçalho da fórmula dos votos de 1642, já se apresentava tal como o conhecemos atualmente: “*eu renovo as promessas do meu batismo*”. No início da Companhia, muitas Irmãs fizeram os primeiros votos no dia do aniversário do seu batismo, conscientes da importância deste. Vicente e Luísa insistiram sempre sobre o fato que as Filhas da Caridade devem ser, antes de tudo, boas cristãs para serem boas Filhas da Caridade.

### Como foram os primeiros anos de vida de Luísa?

Não conhecemos muito bem os seus primeiros anos de vida, mas sabemos que ela é de Poissy e que lá recebeu uma ótima educação intelectual e religiosa. Naquela época, as religiosas Dominicanas acabavam de receber os Escritos de “Catarina de Siena”, uma dominicana que morreu em estado de santidade e os liam. Ora essa santa fala com frequência sobre o Sangue de Cristo. Penso que esta noção sobre o Sangue de Cristo marcou muito Luísa de Marillac, pois, ela falará com frequência deste tema em suas orações, cartas e também em seus escritos, por exemplo: “*almas resgatadas pelo Sangue de Cristo*”. Sabemos que ela fez também pinturas em miniaturas, e uma delas representando o Cristo com uma ovelha que se alimenta do Sangue de Cristo que corre do seu lado direito. Logo, imagina-se que este conceito ficou marcado em Luísa.

Quando lemos os escritos de Luísa é impressionante observar que seus primeiros anos foram marcados pelo sofrimento. Em uma de suas meditações, Luísa escreveu: “*Deus me fez conhecer que sua santa vontade era que eu fosse a Ele pela cruz, que sua bondade quis que eu tivesse desde meu nascimento...*” (E.19 (A.29), pág. 804). Portanto, o sofrimento acompanha Luísa. É verdade que ela não conheceu sua mãe, que não teve vida familiar, que foi um pouco rejeitada pela família e que aos treze anos foi retirada do convento de Poissy, sofrendo assim um rebaixamento social, indo morar em um pensionato que acolhia jovens da burguesia, onde passou a aprender outras coisas, principalmente, prendas domésticas. Mas, tudo isto a perturba um pouco.

Ainda assim em 1606, Luísa enxerga uma luz, pois ao participar de uma grande procissão que conduzia as religiosas Capuchinhas ao novo mosteiro, fica deslumbrada com a vida de pobreza e de mortificação dessas religiosas, sentindo-se atraída por este estilo de vida. Para Luísa, seu futuro está claro, seu único desejo é tornar-se uma religiosa Capuchinha e para isto ela começa a se preparar indo rezar com as religiosas. Percebe-se que nesta época ela está mais aberta, porém sua alegria não dura muito tempo. Seu tutor Miguel de Marillac vai promover seu encontro com o Provincial das Capuchinhas. Este lhe dirá que ela não foi feita para a vida religiosa Capuchinha, pois ela não tem saúde, mas que Deus tem outro desígnio para ela. Isto para ela é um choque, um novo sofrimento, porém, guarda em seu coração esta frase: “*Deus tem um desígnio para mim*”. Durante longos anos ela vai buscar o desígnio de Deus. O que Deus quer dela? Após a recusa do

Provincial das Capuchinhas, a família Marillac vai organizar-se para que ela se case.

Com certeza, durante muitos anos, Luísa considerou o casamento como desígnio de Deus. Ela entra na vida de casada com alegria, porque, para ela, foi o que Deus quis. Ela é feliz, está muito bem com o seu marido e dá a luz a um menino. No futuro, ela dirá que guardou boas lembranças do seu marido. Eles rezavam juntos, tinham vida espiritual, no entanto, a vida espiritual de Luísa era muito austera. No início do seu casamento, o seu tutor Miguel de Marillac, homem de grande devoção, lhe enviava cartas que eram verdadeiras direções espirituais. Vejamos como ele conduzia a sua sobrinha.

### **Carta de Miguel de Marillac**

*“Quanto a vós, revesti-vos de paciência e humilhai-vos diante de Deus das faltas que pudestes ter cometido referentes à submissão tranquila de vossa alma a Deus, esperando Dele as graças necessárias, sem querer forçá-Lo a vos dar mais graças que as que queria conceder-vos. Permaneci em paz e bem humilde perante vossas faltas, porque são o nosso quinhão, e não podemos esperar outra coisa de nós mesmos”* (12 de setembro de 1619, Documento 827, pág. 1.116).

Não é uma visão muito dinamizante, mas, naquela época era a espiritualidade que Luísa possuía, ou seja, um olhar sobre as faltas, sobre a humilhação diante de um Deus que concede as graças quando deseja. Este Deus parece estar distante e exige que cada um se reconheça pobre e se humilhe diante Dele.

Luísa considerava seu casamento como o desígnio de Deus. Em meados de 1622, isto é, nove anos após o seu casamento, seu marido, Antônio fica doente. Este acontecimento é um choque para Luísa. Ela não compreende que a felicidade pode desaparecer. O caráter do seu esposo muda, ele se torna difícil e, Luísa não compreende mais nada. Então, começa a pensar que Deus a está castigando através da doença de seu esposo, porque ela não cumpriu a promessa que tinha feito a Deus de se tornar religiosa Capuchinha. Pensando assim, ela vai tentar conquistar a justiça de Deus, multiplicando as orações, os jejuns e todos os tipos de mortificações, porém, nada funciona. Aliás, toda esta situação vai deixá-la depressiva, sem perspectiva, sentindo-se perdida sem saber o que fazer. Ela duvida da existência de Deus, deixa de acreditar na imortalidade da alma e pensará até mesmo em abandonar seu marido e seu filho. Nos primeiros dias do mês de maio de 1623 ela escreveu que estava sofrendo uma terrível pena e em junho do mesmo ano, aconteceu a famosa luz, no dia de Pentecostes. Ela vai tomar nota deste fato e sentir um pouco de esperança em sua alma, pois, dirá no final do seu texto: *“era Deus quem me ensinava tudo... e se Deus existia, não poderia duvidar do resto..”* (E.3 (A.2), pág. 782). Portanto, ela expressa muito bem que foi Deus quem lhe falou; foi Deus quem lhe mostrou que ela deveria ficar com seu marido e seu filho; que ela teria um novo Diretor e, foi Deus quem lhe abriu uma perspectiva de futuro ao dizer que ela estaria, um dia, em uma comunidade. Graças a esta luz, Luísa vai encontrar uma certa alegria e um certo equilíbrio, mas isto vai levar ainda algum tempo para acontecer completamente. Próximo do Natal de 1625, seu marido morre e Luísa fica viúva com uma criança de doze anos para cuidar; é neste período que ela encontra o Padre Vicente.

Ela já estava viúva quando encontrou Vicente de Paulo. O encontro não foi desejado, nem por um e nem por outro, mas eles se encontram, certamente, por amor e em memória de Francisco de Sales que os conhecia. Algum tempo depois, Vicente de Paulo percebe que Luísa, por trás de seu aspecto tristonho e muito ansioso, tem uma forte personalidade. Pouco a pouco, ele a encaminhou para as Confrarias da Caridade que tinha fundado. Em maio de 1629, Vicente de Paulo convida Luísa para acompanhá-lo na visita à Confraria da Caridade de Montmirail. Este será o início de uma vida totalmente nova. Logo, ela viaja para Montmirail, depois continua a visitar as Confrarias. Em 5 de fevereiro de 1630, ela vai viver um acontecimento muito particular a ponto de tomar nota sobre o fato.

### **Visita às Caridades de Saint - Cloud**

*“No dia de Santa Ágata, 5 de fevereiro, parti para Saint-Cloud. Na sagrada Comunhão, pareceu-me que Nosso Senhor me dava o pensamento de recebê-lo como ao esposo de minha alma, e mesmo, que isso estava realizando-se em mim, à moda de sponsais, e me senti tão fortemente unida a Deus por esta consideração que me foi extraordinária, e tive o pensamento de tudo deixar para seguir meu Esposo e de olhá-Lo dora-*

vante como tal, suportando as dificuldades que encontrasse como vindas da comunhão de seus bens” (E.16 (A.50), fevereiro de 1630, pág. 799).

Naquele dia 5 de fevereiro Luísa viveu algo de extraordinário. Este é o dia do aniversário de seu casamento com Antônio; faz cinco anos que seu marido morreu, mas Luísa gosta de celebrar o aniversário de seu casamento. Todo ano, ela pede para Vicente de Paulo para celebrar a missa dos esponsais, em memória de seu casamento. Eis que naquele 5 de fevereiro de 1630, Nosso Senhor Ihe fez viver uma experiência que ela chamou de “casamento místico”. Jesus Ihe diz que será seu Esposo e Luísa aceita. Ela faz esta descoberta e vai viver com Ele uma comunhão de bens, como normalmente, um homem e uma mulher fazem quando se casam: eles colocam seus bens em comum. Luísa aceita colocar seus bens em comum, com Jesus. Partilhar seus bens é ao mesmo tempo: caminhar em seu seguimento, partilhar suas alegrias, mas também suas penas. Portanto, é um momento extraordinário. A partir de 1630, a espiritualidade de Luísa muda completamente. Até aqui ela estava centrada em um Deus austero.

Agora, **sua espiritualidade se orienta para Aquele que acabara de descobrir e que se tornou seu esposo: Jesus Cristo.** Seu retiro de 1632 mostra bem que ela aprofunda o Evangelho, medita sobre todas as ações do Filho de Deus que são relatadas no Evangelho, isto é, desde o nascimento até a morte. Sobre o nascimento de Jesus, ela dirá que: Jesus Cristo se fez criança para que tivéssemos mais liberdade de nos aproximarmos Dele. Ela falará do lava-pés, onde Jesus se ajoelha diante dos apóstolos. Luísa está muito mais aberta e expansiva.

Em 1630, ano da chegada de Margarida Naseau e de outras jovens que vêm servir nas Confrarias, Luísa percebe que Deus tem realmente um desígnio sobre ela, uma vocação.

### **Retiro Espiritual, 1632**

*“E, como passara diante do Santíssimo Sacramento, senti-me fortemente impelida a acolher o chamado de Deus e cumprir sua santíssima vontade, julgando-me indigna de que sua bondade queria ter desígnios sobre minha alma, os quais desejo se cumpram inteiramente em mim, e, para isso, quero oferecer-me a Deus por toda a minha vida”* (E.22 (A.5) pág. 808).

Observa-se uma alegria em Luísa; ela não é mais a mulher triste; está contente e sente que Deus a chama. Seu único desejo é realizar a vontade de Deus. Percebemos que durante o seu retiro em 1632, ela refletiu sobre o que Deus Ihe estava pedindo. Ela compreende que é necessário reunir as jovens que estão nas Confrarias, mas também se questiona se ela seria capaz de realizar isto. Luísa não vai assumir uma responsabilidade sem refletir, pois o que ela vislumbra é viver entre as camponesas. Deve-se considerar o que significa para uma grande nobre de Paris, viver com as camponesas, quando pertencem a duas classes sociais que não se falam. Trata-se, portanto, para Luísa de algo diferente do que é vivido no mundo e ela pressente que será criticada, muito criticada. É preciso que aceite estas críticas e se pergunta: terei a coragem de fazê-lo? Ela vai refletir longamente sobre a vida “comunitária” entre São José, a Virgem Maria e Jesus e conclui: eles viveram 30 anos para nos mostrar a importância da vida comunitária. Logo, ela decide: vou fazê-lo. Mas se inquieta perguntando-se: é realmente a vontade de Deus ou é a minha?

Luísa se apresenta como uma mulher que se questiona, que medita, que vê a vocação que Deus Ihe propõe, mas, não se lança de olhos fechados. Ela acrescenta: “para ter certeza que é esta a Vontade de Deus, vou aguardar a autorização do meu diretor”. Portanto, será preciso que Vicente de Paulo Ihe dê a permissão, o que, no início ele não o faz, pois também ele pensava que talvez, estivesse acima das forças de Luísa ou que não era necessário. Foi somente no início de setembro de 1633 que Vicente de Paulo vai dar o seu consentimento.

**O início da Companhia:** no dia 29 de novembro, Luísa acolhe algumas jovens que estão dispostas a tentar a aventura com ela. Ela está feliz, mas sabe que a tarefa será dura. A primeira coisa que faz, além da formação humana e profissional das Irmãs, é ensinar-lhes a viver o Evangelho. Ao meio-dia, quando elas



voltam do serviço dos pobres, Luísa propõe a leitura do Evangelho às Irmãs e lhes ensina a meditá-lo. Luísa vai continuar a refletir sobre o mistério da Encarnação que, agora, está no centro de sua vida espiritual.

*“...vossa admirável Encarnação era o restabelecimento da graça de que as almas têm necessidade, para alcançar seu fim, porque a alma não poderia estar tão estreitamente unida a seu objeto que é Deus, inacessível a todo ser, senão por esse meio tão singular que torna Deus homem e o homem Deus.”* (E.85 (A.13 bis) pág. 918).

Está é a primeira meditação de Luísa sobre a Encarnação: para ela, é algo extraordinário que um Deus se faça homem e que este Deus, que ela julga inacessível, torne-se próximo, sobretudo que este Deus se faça próximo, para que o homem se torne mais próximo de Deus. Deus se tornou homem para que o homem se tornasse Deus. Toda esta meditação é o que ela vai tentar expor às Irmãs, e transmitir-lhes numa linguagem mais simples.

### **Pensamentos sobre a Encarnação e a Eucaristia**

*“Este pensamento veio-me após desejar durante algum tempo, o amor da Humanidade santa de Nosso Senhor, para ver-me impelida à prática de suas virtudes, especialmente a mansidão e a humildade, a tolerância e o amor ao próximo..”* (E.67 (A.14) pág. 898).

Aqui, Luísa utiliza um termo que estará presente em muitas de suas meditações: ela contempla a santa humanidade do Cristo. Isto significa dizer que ela admira ao mesmo tempo Jesus, homem em sua humanidade e em sua santidade, isto é, a humanidade de Cristo sem pecado que é o Filho de Deus. Ela consegue contemplar ao mesmo tempo Jesus, homem e Deus. Ela observa todas as suas qualidades e virtudes e convida as Irmãs a meditarem sobre Jesus que é homem e que é Deus.

**Sua carta à Ana Hardemont em 1648**, resume bem sua espiritualidade:

*“... queridas Irmãs, temos de ter, continuamente, diante dos olhos, o nosso modelo que é a vida exemplar de Jesus Cristo, a cuja imitação somos chamadas, não somente como cristãs, mas, também por termos sido escolhidas por Deus para servi-Lo na pessoa de seus pobres”.* (C.257 (L.217) pág. 298).

A espiritualidade de Luísa se resume em **seguir Jesus Cristo para o serviço nos pobres, isto é, reconhecer sua presença nos pobres e imitar suas virtudes**; e quando as Irmãs não o fazem, Luísa vai chamar-lhes a atenção.

**Às Irmãs de Angers**, ela escreveu:

*“Onde estão a doçura e a caridade que deveríeis ciosamente conservar para com nossos queridos amos, os pobres doentes? Se nos afastamos, por pouco que seja, da lembrança de que são eles membros de Jesus Cristo, infalivelmente, estas belas virtudes desaparecerão”* (C.115 (L.104 bis) pág. 134).

Dá a importância de olhar para Jesus Cristo, de aprofundar a oração e de segui-Lo no serviço dos pobres. Luísa internalizou muito bem este conceito para poder transmiti-Lo aos outros. Para Luísa, Deus tem um projeto para a Companhia, um projeto bem específico “doar-se a Deus para honrar Jesus Cristo, servindo-O na pessoa dos pobres”. Ela tem consciência que este é um grande projeto de Deus para a Companhia e, afirma que é importante que este projeto seja bem vivido pelas Irmãs.

**Em 1644, ela vai à Chartres** pedir a proteção de Maria sobre a Companhia para que esta possa realizar seu desígnio.

*“A segunda-feira, dia da Dedicção da Igreja de Chartres, empreguei-a em oferecer a Deus os desígnios de sua Providência sobre a Companhia das Filhas da Caridade, oferecendo-lhe a Companhia inteira e pedindo-lhe que antes fosse destruída do que subsistir contra a Sua Vontade. Supliquei para ela, por intercessão da Santíssima Virgem, Mãe e Guardiã da referida Companhia, a pureza de que necessita”* (C.121 (L.111) pág. 143).

Luísa vai à Chartres para confiar à Maria a guarda do desígnio de Deus sobre a Companhia, pois, Luísa pensa que se as Filhas da Caridade não forem fiéis a este desígnio de Deus, melhor será que a Compa-

nhia desapareça. Ela acredita que este projeto é muito grande e categoricamente, pede a pureza necessária para que este projeto seja respeitado. Trata-se de respeitar este projeto de Deus, sem deturpá-lo, nem desviá-lo. Ela pede a Maria para ser a guardiã da Companhia e ajudar as Irmãs a serem fiéis a este projeto. Ela diz ainda: “Vós sereis a Mãe para inflamar a vida neste grupo para que ele viva bem unido”. Este foi o sentido da consagração em Chartres: fascinada pelo projeto de Deus, Luísa deseja que esse projeto seja bem vivido.

**Em 1647, chegam as dificuldades.** As Irmãs não vivem mais o projeto.

O primeiro aviso foi em Nantes. As Irmãs chegaram a Nantes em agosto de 1646 e em 1647 a Comunidade estava dividida em dois grupos. Uma das Irmãs estava bastante próxima do capelão do hospital e a Irmã Servente chama-lhe a atenção, mas ela não a escuta; a Comunidade se dividiu em dois grupos que se contestam e se vigiam e, conseqüentemente, o serviço dos pobres é mal feito; uma doente morre sem sacramento. Luísa recebe cartas relatando a situação e escreve:

#### **Às Irmãs do Hospital de Nantes**

*“Ah! Queridas Irmãs, quantos motivos tenho para rezear sejam meus maus exemplos os causadores dessa desgraçada influência em vossos espíritos! Se assim for, fazei-me a caridade de pedir a Deus perdão por mim e perdoai-me também vós. Agi melhor do que me vistes fazer...”* (C.191 (L.174) pág. 226).

Qual é a reação de Luísa? Ela se culpabiliza, é sua culpa! Ela não soube escutar, ela não soube acompanhar as Irmãs. E Luísa mergulha em um grande sentimento de culpa, porque, depois desta carta, ela vai visitar Nantes; duas Irmãs serão chamadas à Paris, mas estas duas deixarão a Companhia. Eis que vai começar um período de saídas da Companhia: as Irmãs de Nantes, de Angers, de Fontainebleau, de Pontoise, da Casa-Mãe, e um pouco de todos os lugares. Quanto mais Luísa sofre com as saídas, mais ela se sente culpada.

Em uma carta a Vicente de Paulo, em novembro de 1649, ela escreve: *“Ontem, também, foi-se embora outra Irmã... é a de Saint-Cloud... Parece-me que Deus nos fala através desses acontecimentos; não sei se para destruir a obra ou para consolidá-la”*. E no final ela acrescenta esta terrível frase: ... *“sou eu o Jonas que deveria ser lançado ao mar?”* (C.306 (L.268) pág. 348). Luísa se sente culpada. Como atravessará estas derrotas? Será que vai superá-las? Como vai conseguir mudar esta situação? Na verdade, o sentimento de culpa significa um orgulho ferido: não estamos contentes, acreditamos ser melhores e ficamos machucadas ao reconhecer que não fomos capazes de realizar a tarefa que nos fora confiada. Logo, não nos sentimos bem com a situação. Então, como Luísa conseguiu superar tudo?

Nesta época, está acontecendo a **guerra da Fronde**. Em Paris existem muitos pobres e sopas populares são organizadas em diferentes paróquias. Luísa dirá que na Paróquia Saint-Paul são atendidos 3.000, em Saint-Laurent, 2.000 e outros tantos em muitas outras paróquias. Pensando em tudo isso, Luísa concluiu: *“Deus tem piedade e misericórdia desses pobres, talvez, eu seja também um desses pobres”*. Isto vai transformá-la, ao invés de centrar-se em sua culpa ela vai admitir que comete erros, que comete faltas, mas que todas as suas faltas, todos os seus erros serão assumidos e oferecidos a Deus, dizendo-Lhe: sou apenas uma pobre; ela acolherá o perdão de Deus, a exemplo do publicano que se colocou pobrementemente diante de Deus, que acolheu sua pobreza. Luísa descobre e acolhe a misericórdia de Deus. Ela escreve uma belíssima carta à Barbará Angiboust em 1652, porque Bárbara vivenciou algo semelhante que Luísa. Bárbara está em Brienne, que também está em guerra, ela está esgotada diante da quantidade de doentes e de feridos que chegam para serem atendidos.

#### **Carta à Irmã Bárbara Angiboust, em 11 de junho de 1652**

*“Em nome de Deus, queridas Irmãs, não vos desanimeis por causa dos sofrimentos, nem por pensar que não tendes outra consolação senão a de Deus! Ah! Se conhecêssemos os segredos de Deus quando nos coloca em tal estado! Compreenderíamos que deveria ser o tempo das maiores alegrias!.... Se a bondade de Deus não nos expõe a maiores misérias, demos-lhe graças por isso, e estejamos persuadidas de que, é unicamente, por Sua misericórdia, sem nenhum mérito nosso”* (C.410 (L.353) pág. 450 e 451).

Luísa reconhece, mais tarde, o quanto isto foi benéfico para ela. Finalmente, havia compreendido a misericórdia de Deus; um Deus que não se cansa de perdoar e diante do qual devemos apresentar-nos pobremente. Ela agradece a Deus por este período e ajuda as Irmãs na perseverança e na compreensão da Misericórdia de Deus.

A partir de 1652, vemos Luísa entrando em um período onde suas mediações demonstram seu encantamento pelo amor de Deus, mas, ainda assim, ela continuará **a meditar sobre o extraordinário mistério da Encarnação**. “*E meu espírito recordou o pensamento que tivera de que o desígnio da Santíssima Trindade era que o verbo se encarnasse já desde a criação do homem, para fazê-lo chegar à excelência do ser que Deus queria dar-lhe pela união eterna que queria tivesse com Ele, como a mais admirável de suas operações exteriores*” (E.98 (A.26), pág. 940).

Luísa continua encantada diante deste grande mistério da Encarnação; compreendendo que Deus quer a glorificação do homem, ela diz: “*não é uma glória para as almas cooperarem com Deus no cumprimento de seus desígnios?*” (E.105 (A.27), pág. 951). Portanto, ela inclui o serviço dos pobres na cooperação com Deus e com Jesus Cristo para a salvação do mundo. Para ela, o serviço dos pobres, bem feito, de acordo com o desígnio de Deus, é um prolongamento da Redenção. Pois, através do serviço dos pobres, permitimos ao homem bem viver e bem morrer, mas também de encontrar sua dignidade de homem e de filho de Deus. Foi o que Jesus Cristo fez vindo até nós: permitiu ao homem ser acolhido por Deus com um grande perdão por suas faltas. Logo, estamos aqui para cooperar com Deus para a salvação do mundo. Luísa destaca a importância de nosso serviço feito em vista da felicidade do homem, porque Jesus Cristo quer este bem para o homem. Luísa não se limita a meditar sobre a Encarnação, ela vai mais longe, fará longas meditações sobre a **Eucaristia**.

“*Devemos considerar que motivo poderia Deus ter tido para esta ação tão admirável e incompreensível para os sentidos humanos e como não poderemos encontrar outro, senão seu puro amor. devemos com atos de admiração e amor dar glórias e honra a Deus em agradecimento a essa amorosa invenção de se unir a nós*” (E.99 (M.72), pág. 942).

“*Essa amorosa invenção de se unir a nós*”. Luísa retoma o que Vicente de Paulo disse sobre a Eucaristia: “Deus é inventivo até o infinito”. Para Luísa, Deus não quis contentar-se com a Encarnação, mas, quis permanecer presente, então, inventou a Eucaristia. Para ela, a Eucaristia é algo realmente de extraordinário.

Em seus Escritos Espirituais (pág.942) Luísa faz uma conferência às Irmãs sobre a Eucaristia: explica-lhes os três tempos para comungar bem: como se preparar, como comungar, como agradecer a Deus. É admirável, está cheio de amor, porque ela não sabe como agradecer a Deus. No final do seu texto, ela diz: Deus “*nos dá a capacidade de nEle viver*”. As Irmãs contam que Luísa sempre estava muito emocionada quando comungava e que tinha um pequeno lenço para enxugar suas lágrimas tamanha era a sua felicidade; ela chorava de alegria por receber seu Deus.

Todas essas meditações não impediram Luísa de conduzir a Companhia. Aconteceram várias fundações: na Polônia, nos campos de guerra, em Ussel, Narbonne, Cahors... Ela tem ao mesmo tempo uma vida de reflexão espiritual e uma vida ativa.

Em 1657, ela fez seu retiro meditando sobre o **Espírito Santo**. Até então, praticamente, ela não tinha falado sobre o Espírito Santo. Ela gostava muito da festa de Pentecostes, porque tinha a lembrança de sua Luz, mas quando fala sobre a Luz de Pentecostes, fala somente de Deus, pois, conhece somente a Deus. Existiu também um outro acontecimento importante no dia de Pentecostes de 1642 que foi a queda do assoalho. Mas, em 1657, ela consagra seu retiro para meditar sobre o Espírito Santo. Seu texto é bastante difícil. Ela define o Espírito Santo como uma força. Uma força que ajudou os apóstolos a dar testemunho e também nos dará a força para testemunhar. Ela diz que o Espírito Santo é a fonte de unidade que permitirá a Igreja se desenvolver e permanecer unida. Ela insiste também na ação do Espírito Santo em nós: o Espírito Santo vem para fazer a unidade em nós, pois muitas vezes, estamos divididas. Luísa fala sobre as três faculdades que

possuímos: a inteligência, a razão e a vontade. Finalmente, ela diz que o Espírito Santo é Amor e faz uma bela oração:

### **Meditação sobre as razões para dar-se a Deus a fim de receber o Espírito Santo no dia de Pentecostes**

*“Curai minha cegueira, ó Luz eterna! Dai simplicidade à minha alma, Unidade perfeita! Humilhai meu coração para assentar o fundamento de vossas graças e que a capacidade de amor que pusestes em minha alma não se detenha nunca mais no desregramento de minha presunção insolente que, com efeito, não é mais que um obstáculo e um impedimento ao puro Amor que hei de receber com a efusão do Espírito Santo”* (E.98 (A.26) pág. 938).

Luísa vai traduzir isto para as Irmãs em uma frase muito simples:

*“Suplico à bondade de Nosso Senhor que disponha nossas almas para receber o Espírito Santo e que assim, inflamadas no fogo de seu Amor, vos consumais na perfeição desse amor que vos fará amar a santíssima vontade de Deus..”* (C.362 (L.429), pág. 400).

Luísa amadureceu. Nessa época, ela vai superar as dificuldades que se apresentarão à Companhia, sem cair no sentimento de culpa, ela sofrerá, porém, vai aceitá-las serenamente. Sabemos que Maria Joly se recusa a obedecer; que as Irmãs de Angers se recusam acolher a nova Irmã Servente; que a Irmã que deveria partir para Cahors, fugiu com o dinheiro que tinha recebido para a sua alimentação, etc. Existem dificuldades, mas Luísa as suporta, caminha calmamente na alegria e, consciente do amor de Deus, ela acolherá a morte pacificamente.

Em janeiro de 1660, uma carta de Luísa demonstra que ela sofre de uma terrível angústia. Luísa se questiona: “e se eu tiver me enganado com relação ao projeto de Deus para a Companhia?” Ela não sabe mais o que pensar, pois, existem algumas Irmãs que gostariam de dividir a Companhia em dois grupos: um primeiro grupo para as que “iam e vinham” e continuariam o serviço dos pobres e o outro seria para aquelas que teriam uma vida mais religiosa, com um véu na cabeça, que seriam chamadas de “Madre” não de “Irmã” e que teriam mais tempo para ler a Palavra de Deus. Diante dessa situação, Luísa se pergunta: “O que o Senhor quer de mim?” Ela envia uma carta muito angustiada para Vicente de Paulo onde lhe explica tudo.

### **Carta ao Padre Vicente**

*“Sinto muito dar-vos este desgosto; se vossa caridade vê que Deus quer outra coisa diferente da que foi feita até agora, em nome de Nosso Senhor, seja ela quem o ordene e declare”* (C.721 (L.655), pág. 763).

Mas, como o Padre Vicente está doente, ela pede para que a carta seja enviada ao Padre Alméras. Acredito que tanto o Padre Alméras como Vicente de Paulo a tranquilizaram. Mas, por que esta última angústia? Penso que podemos compará-la à de Francisco de Assis. Na verdade, pouco tempo antes de sua morte, Francisco de Assis teve o mesmo tormento, pois percebia que alguns de seus Irmãos queriam menos pobreza e modificar a comunidade. Luísa viveu a mesma situação, ela sabia que queriam modificar esta obra de Deus. Temos a impressão de que Deus quer pedir-lhe que coloque em suas mãos essa comunidade que Luísa tanto amou e, que no momento de sua morte, considerava muito como obra sua. Luísa conduziu esta obra com a força de seus braços; ela fez de tudo para que as Irmãs fossem fiéis ao desígnio de Deus, é sua obra. Aqui se vê que Deus lhe pede para se despossar de sua obra para entregá-la a Ele e colocar o futuro da Companhia em suas mãos. Então, Luísa faz exatamente isto e morrerá em paz no dia 15 de março de 1660. Ela diz no início do seu testamento espiritual: *“rogo conceder-vos a graça da perseverança em vossa vocação”* (Testamento Espiritual, pág. 967).

### **Conclusão**

Para terminar, citarei São Vicente, em duas conferências que ele fez sobre as virtudes de Luísa de Marillac.

*“Meu Deus, que belo quadro! Que humildade, que fé, que prudência, que bom critério e desejo de conformar as suas ações com as de Nosso Senhor! Compete-vos agora, conformar as vossas ações com este belo quadro”* (Conf. de 24 de julho de 1660, pág. 920).

Irmã Elisabeth CHARPY  
*Filha da Caridade*